

LIVROS ESCOLARES

PARA CURSO PRIMARIO

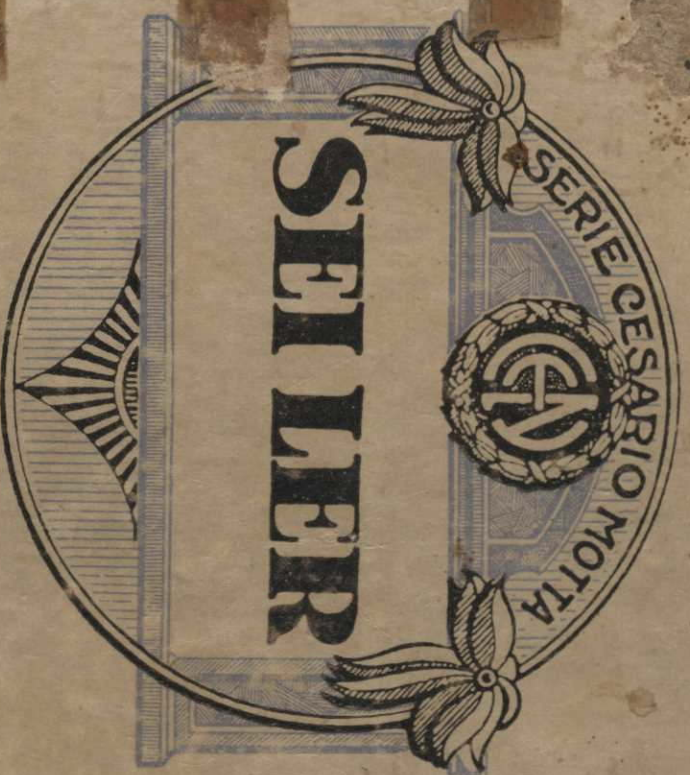
editados pela

COMPANHIA EDITORA NACIONAL, SÃO PAULO

THEOBALDO DE ANDRADE:	Vol. Cart.	J. PINTO E SILVA:	Vol. Cart.
<i>Ler Brincando</i> (cartilha) . . .	2\$500	<i>Meus Deveres</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000
<i>Vida na Roça</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000	<i>Meus Deveres</i> (Leit. 3.º anno)	3\$500
<i>Capitão</i> (Leit. 2.º anno) . . .	3\$000	<i>Minha Patria</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000
<i>Trabalho</i> (Leitura 3.º anno)	3\$500	<i>Minha Patria</i> (Leit. 3.º anno)	3\$500
<i>Saudade</i> (Leit. 3.º e 4.º annos)	4\$000		
THEOBALDO DE MORAES:		ANTONIO FARIA:	
<i>Meu Livro</i> (cartilha) . . .	3\$000	<i>Alvorada</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000
<i>Meu Livro</i> (Leit. 2.º anno)	3\$500	<i>Serra Patriótica</i> (Leitura 4.º anno)	3\$500
<i>Sei Ler</i> (Leit. intermediação)	3\$000		
<i>Sei Ler</i> (Leit. para o 2.º anno)	3\$000	APRIGIO GONZAGA:	
<i>Sei Ler</i> (Leit. 3.º e 4.º annos)	4\$500	<i>Minhas Lições</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000
F. FARIA NETTO:		<i>Contos Escolares</i> (Leitura 3.º anno)	3\$500
<i>Primito I</i> (Leit. 1.º anno)	3\$000	<i>S. Paulo e suas Grandezas</i> (Leit. 4.º anno)	3\$500
<i>Primito II</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000		
<i>Correção Brasileiro</i> (Leit. para 3.º anno)	3\$500	ERASTO DE TOLEDO:	
M. MOURA SANTOS:		<i>Recordações</i> (Leit. 3.º anno)	3\$500
<i>O Pequeno Escolar I</i> (Leit. 3.º anno)	3\$500	<i>Fontana</i> (Leit. 4.º anno)	3\$500
<i>O Pequeno Escolar II</i> (Leit. 4.º anno)	4\$000	A. ALMEIDA JUNIOR:	
<i>Modidade</i> (Leit. 4.º anno)	3\$500	<i>Cartilha de Higiene</i>	2\$000
ORLANDO MENDES MORAES:		MONTHERO LOBATO:	
<i>Minhas Historietas</i> (Leit. 1.º anno)	3\$000	<i>Fabulas</i> (Leit. 3.º e 4.º annos)	4\$000
<i>Letras Infantis</i> (2.º anno)	3\$000	PEDRO CALMON:	
<i>Letras Simples</i> (3.º anno)	3\$000	<i>Historia da Civilização Brasileira</i> (Leit. 4.º anno)	3\$000
<i>Minhas Leituras</i> (4.º anno)	3\$500	HYPERIDES ZANELLO:	
<i>Cartilha Prática</i>	2\$500	<i>Elementos de Geometria e Desenho Típicar</i> (4.º anno)	3\$500
JOSÉ O. ORLANDI:		STELLA BRANDT DE CARVALHO:	
<i>Minhas Lições</i> (Leit. 1.º anno)	2\$000	<i>O Amigo da Infancia</i> (Cartilha por syllabação)	3\$000
<i>Posta Escolar</i> (Leit. 1.º anno)	3\$000	CLAUDINA BARROS:	
M. OLIVEIRA e R. DOSPAL:		<i>Cartilha Fácil</i>	3\$000
<i>Novas Leituras I</i> (1.º anno)	3\$000		
<i>Novas Leituras II</i> (2.º anno)	3\$000		
<i>Novas Leituras III</i> (3.º anno)	3\$500		

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Cusmões, 118 - São Paulo



1.º LIVRO DE LEITURA

POR

THEODORO DE MORAES

DECIMA QUINTA EDIÇÃO

Companhia Editora Nacional, São Paulo

Arco baldo.

Sei Ler



1450

LIVROS ESCOLARES

PARA CURSO PRIMARIO

editados pela

COMPANHIA EDITORA NACIONAL, SÃO PAULO

THEMES DE ANDRADE:	Vol. Cart.	J. PINTO E SILVA:	Vol. Cart.
<i>Lei Brincando</i> (cartilha) . . .	2\$500	<i>Meus Deveres</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000
<i>Viagem na Roca</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000	<i>Meus Deveres</i> (Leit. 3.º anno)	3\$500
<i>Espeelho</i> (Leit. 2.º anno) . . .	3\$000	<i>Minha Patria</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000
<i>Trabalho</i> (Leitura 3.º anno)	3\$500	<i>Minha Patria</i> (Leit. 3.º anno)	3\$500
<i>Saudade</i> (Leit. 3.º e 4.º annos)	4\$000		
THEODORO DE MORAES:			
<i>Meu Livro</i> (cartilha) . . .	3\$000	ANTONIO FARIA:	
<i>Meu Livro</i> (Leit. 2.º anno) . . .	3\$500	<i>Alvorada</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000
<i>Sei Ler</i> (Leit. intermediaria)	3\$000	<i>Socra Patriótica</i> (Leitura 4.º anno)	3\$500
<i>Sei Ler</i> (Leit. para o 2.º anno)	3\$000		
<i>Sei Ler</i> (Leit. 3.º e 4.º annos)	4\$500	APRIGIO GONZAGA:	
F. FARIA NETTO:		<i>Minhas Lições</i> (Leit. 2.º anno)	3\$000
<i>Paralito I</i> (Leit. 1.º anno) . . .	3\$000	<i>Contos Escolares</i> (Leitura 3.º anno)	3\$500
<i>Paralito II</i> (Leit. 2.º anno) . . .	3\$000	<i>S. Paulo e seus Grandezas</i> (Leit. 4.º anno)	3\$500
<i>Coração Brasileiro</i> (Leit. para 3.º anno) . . .	3\$500		
M. MOTA SANTOS:	(Serie)	ERASTO DE TOLEDO:	
<i>O Pequeno Escolar I</i> (Leit. 3.º anno) . . .	3\$500	<i>Recordações</i> (Leit. 3.º anno)	3\$500
<i>O Pequeno Escolar II</i> (Leit. 4.º anno) . . .	4\$000	<i>Tortade</i> (Leit. 4.º anno) . . .	3\$500
<i>Mocidade</i> (Leit. 4.º anno) . . .	3\$500	A. ALMEIDA JESSE:	
ORLANDO MENDES MORAES:	(Serie)	<i>Cartilha de Hygiene</i> . . .	2\$000
<i>Minhas Historietas</i> (Leit. 1.º anno) . . .	3\$000	MONTENLO LOBATO:	
<i>Leituras Infantis</i> (2.º anno)	3\$000	<i>Fabulas</i> (Leit. 3.º e 4.º annos)	4\$000
<i>Leituras Simples</i> (3.º anno)	3\$000		
<i>Minhas Leituras</i> (4.º anno)	3\$500	PEDRO CALMON:	
<i>Cartilha Pratica</i> . . .	2\$500	<i>Historia da Civilização Brasileira</i> (Leit. 4.º anno)	5\$000
JOSÉ O. ORLANDI:		HYPERIDES ZANETTI:	
<i>Minhas Lições</i> (Leit. 1.º anno)	2\$000	<i>Elementos de Geometria e Desenho Linear</i> (4.º anno) . . .	3\$500
<i>Carta Escolar</i> (Leit. 1.º anno)	3\$000	STELLA BRANDT DE CAVALHO:	
M. OLIVEIRA e R. DORNAL:		<i>O Amigo da Infancia</i> (Cartilha por syllabação) . . .	3\$000
<i>Novas Leituras I</i> (1.º anno)	3\$000	CLAUDINA BARROS:	
<i>Novas Leituras II</i> (2.º anno)	3\$000	<i>Cartilha Facil</i> . . .	3\$000
<i>Novas Leituras III</i> (3.º anno)	3\$500		

SERIE CESARIO MOTTA

Sei Ler

1.º LIVRO DE LEITURA

POR

THEODORO DE MORAES



1 9 3 6

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118 a 140

SÃO PAULO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118 - São Paulo

INDICE

1. — Em casa	13
2. — Meu pae	15
3. — Minha mãe	17
4. — No dia de mamãe	19
5. — O avô	20
6. — Ver	22
7. — Roberto	23
8. — Alice	25
9. — Ouvir	27
10. — E eu?	28
11. — Quem somos?	30
12. — O tabuleiro de areia	32
13. — Do tabuleiro ao panorama	34
14. — Gostar	36
15. — Nas férias de Junho	37
16. — O thermometro desce	39
17. — O inverno	41
18. — Palpar	43
19. — Isto é que é frio!	44
20. — Minha mesa de pinho	46

	Pag.
21. — Ao anofitecer	49
22. — Cheirar	52
23. — Nossas criações	53
24. — O rei do galinheiro	55
25. — Cestinho de morangos	57
26. — As flores	59
27. — Vespera de S. João	61
28. — Noite de S. João	63
29. — No Butantan	66
30. — Reabren-se as aulas	69
31. — Minha nova professora	71
32. — Tenho dó	73
33. — O' Jeca!	75
34. — Que bom collega!	77
35. — A maior das ladras	80
36. — A aranha	82
37. — Como se viaja	83
38. — Sommar	86
38.a — Subtrahir	87
39. — Debaixo da mangueira	88
40. — Zulu	90
41. — A destorra do elephant	92
42. — Oslo	94
43. — Peiho	97
44. — Multiplicar	99
44.a — Dividir	100
45. — A guerra das sativas e cuyabanas	101
46. — No fundo do mar	103
47. — Sonho	105

48. — Uma carta para mim	108
49. — O cafezal	112
50. — O café	114
51. — O freio de segurança	116
52. — A cartola do serelepe	118
53. — Não prendas nem mates os passarinhos	123
54. — Festa da Bandeira	127
55. — Escoteiros	130
56. — Os doze mandamentos de ouro	132
57. — O capulho e o casulo	134
58. — O leão e o camondongo	137
59. — Circo de cavallinhos	138
60. — Historia de uma folha de papel	141
61. — Pelos ares	143
62. — O vaso ardente	146
63. — Meus oito annos	148



1. - EM CASA

Em nenhuma parte estou mais contente do que em casa. Somos seis: meu pae, mamãe, o avô, Roberto, Alice e eu. Meu pae é marceneiro. Na sua alegre officina, que occupa a sala de frente de nossa casa, passa elle o dia a trabalhar com a plaina, o martelo, a regua, o enxó, o formão e a verruma. Com a sua ferramenta, a sua arte e o seu amor ao officio, sabe elle fazer de madeira moveis, que são bonitos e fortes.

Mamãe prepara a nossa comida, costura a nossa roupa, trata das criações e cuida das suas lindas flores. Por todos, ella reparte, zelosa e boa, a sua attenção. Sempre satisfeita, que voz a sua para cantar! Canta e o seu canto limpidó, harmonioso, alegra a nossa casa.

O avô já está com as mãos tremulas e a vista cansada. Não pode trabalhar mais com a plaina e o formão. Mas não sabe estar ocioso. Ainda ajuda nas despesas da casa. Passa o dia, a um canto da officina, a empalhar cadeiras ou a fabricar, de pedacinhos de pau e lata, carrinhos, espingardinhas, bonecos de engongos e outros brinquedos, que as crianças da vizinhança lhe compram.

Roberto trabalha em casa também: é entalhador. E eu fico entretido um tempão a vel-o cortar, na madeira, aquellas flores e folhagens. Alice está na costura. A mestra da officina não cança de gabar o seu adiantamento. Quando entrou, apenas sabia embanhar e renatar. Em poucos meses, a *Singer* não tinha segredos para ella. Já sabe pregar e bordar a machina. Está agora aprendendo a cortar por medida.

*Mais vale a tosca palhoça
Onde nella o riso mora,
Do que palacios donrados,
Onde no ouro se chora.*

2. — MEU PAE

A' noitinha, quando o céu está bonito, meu paé vem sentar no topo da escada, que desce da officina para o quintal.

Accende o cachimbo e ahí fica a descansar. No seu semblante aberto e franco, não lhe vejo uma nuvem de tristeza. E' um semblante tranquillo, um rosto repousado, — o do homem que trabalha e é feliz.

De ha muitos annos soffre de reumatismo. Sofre calado. Nunca lhe ouvimos uma queixa. Está sempre contente na sua officina, onde, ás vezes, elle trabalha até tarde da noite.

Nos dias em que o serviço aperta, quando tem de aviar alguma encomenda urgente, é que o vemos mais alegre e brincalhão. Nem uma má palavra, nem um gesto desabrido.

Depois do serão, só com algumas horas de somno, acorda pela manhã bem disposto e vae logo dizendo, entre dois sorvos de café:



— Como o serviço rendeu! E' tratar agora de engradar e despachar. Mais faz quem quer que quem pôde. Vac, Plinio, avisar o Zacharias que venha com a carroça.

*Quem tem aza não avoa,
Quem não tem quer avoar;
Quem tem razão não se queixa,
Quem não tem quer se queixar.*

3. — MINHA MÃE



Enquanto meu pae toma o fresco, depois da lida do dia, mamãe, na varanda, com o balaio de costura ao-lado, entretém-se a sezir e concertar a roupa de casa.

— Remenda o panno, durar-te-á outro anno, — é o que ella nos diz, risonha, quando lhe pedimos que descançe.

— Não se afflijam, que os meus remendinhos é que me descancam. E' mudando de trabalho. E' variando a occupação.

E' que milagres não fazem aquellas mãos infatigaveis! A roupa usada ella a concerta e re-

compõe tão bem que fica como nova. De retalhos faz colchas frescas para o tempo de calor e, de meias velhas, cobertores que nos agasalham do frio.

Nem só dos seus ella cuida. Na sua pobreza, minha mãe não se esquece dos mais pobres. Faz agasalhos e roupinhas para as crianças do Orphanato, que funciona, aqui, não longe de casa, num predio grande e espaçoso,

*Dorme, dorme, meu menino,
Que a mãezinha logo tem,
Foi lavar os seus pantiños
Na fontinha de Belem.*

4. - NO DIA DE MAMÃE

Hoje teu dia, mãezinha,
Festejar todos queremos.
Felizes porque, boazinha,
Nós, do céu, te recebemos.

Como é doce nossa vida
Junto a ti, ente bondoso,
Que na dor nos dá guarida
E na ^lgozura mais goso!

E' por isso que, em teu dia,
Ao bom Deus fazemos preces,
Pedimos a paz e alegria
Que neste mundo mereces.

Accepta, pois, ó bondosa
Ó querida mãe perfeita,
A flor singela e olorosa
Deste nosso amor! Accepta!...

Bras Zacamini

6. - VER

Ver com os olhos não basta,
Pôr a vista não é ver;
Saber ver é que é preciso,
E tem muito que saber.

Quantos cegos ha que lêem,
Mais que os ignorantes vêem!

Paulino de Oliveira

7. - ROBERTO

Espadando
e forte, com
os seus olhos
pretos e bon-
dosos, Rober-
to deixam e
ver todos os
dias o que seja
uma grande al-
ma. Ninguém
o vence em de-
dicação, cari-
nho e perseverança.



Amo-o e admiro. Como
todos em casa lhe queremos!

E' o braço direito de meu
pae. Trabalham juntos e vivem como dois amigos
na officina. Todo o serviço de talla está a cargo
de Roberto. A noite, quando ha obra nova, meu
pae e elle assentam os meios de a executar. Dis-
cutem o modelo, fazem o orçamento, escolhem a
madeira.

No ultimo anniversario de manñe, deu-lhe
Roberto um oratorio, que elle fez e é uma belleza.
Parece mesmo uma igrejainha com as suas duas

torres e sinos. Elle é que lê o folhetim e as notícias do jornal para o avô. A tarde, faça o tempo que fizer, vae buscar Alice na costureira. Quando está de folga, toma uma folha de papel, e o seu lapis, em traços rapidos, vae desenhando com esmero o que lhe peço.

Roberto tem força de vontade. Ha dois annos que frequenta a officina de entalhador do Lyceu de Artes e Offícios. Depois do trabalho do dia — bella coragem! — vae elle á noite aperfeiçoar-se no manejo do talhatrio e do cinzel.

*Ajuda-me, companheiro,
Que eu tambem te ajudarei;
Quando eu te vir afrontado
Fui te desafrontarei.*

8. — ALICE

Minha irmã passa o dia todo na costureira. Só vem a casa para as refeições. Cuslei a acostumar-me com sua ausencia. Alice era a companheira terna e paciente dos meus brincue-dos. Com ella aprendi a brincar e trabalhar. No jardim, na horta e no galinheiro, que boas horas passavamos juntos! Ensinon-me a podar e enxertar as nossas roseiras, a escorar as plantas mais traquinhas para as proteger contra a força dos ventos, a formar com arte lindos ramalhetes para o nosso vaso de flores.

Regavamos as hortaliças. Aprendi com ella a escolher as sementes e plantal-as, os cuidados que é preciso ter com os canteiros melindrosos das ervilhas e alfaces.



E, quando tinhamos gallinhas no choco? Eram tres semanas de constante vigilancia. Com que impaciencia eu não esperava! Pela manhã, lá estava, no gallinheiro, para ver si os pintos tinham picado os ovos. Que alegria a nossa quando descobriamos enfim a ninhada no terreiro! Yão es-pertinhos já, amarellos como a gemma de ovo, e piando sem parar á volta da mãe ciumenta!

Agora, só aos domingos e dias de folga, temos esses prazeres em commun. Alice sae cedinho. E' preciso sahir cedo. Ella é quem acompanha para a officina de costura a filha do ferreiro, sua amiga e ex-collega do grupo. Yão devagar que a pobre mocinha anda de muletas.

*Rainha da eterna gloria,
Mãe de Deus doce e clemente,
Dae-nos agua que nos molhe,
Dae-nos pão que nos sustente.*

9. — OUVIR

Ouve mais e fala pouco,
Si te queres instruir;
Mas nem tudo escutar deves,
Nem todos deves ouvir!

Mais vale a palavras loucas
Ter sempre as orelhas mucas.

Paulino de Oliveira

11. — QUEM SOMOS?



— Adivinha si és capaz. Sou muito quebradiça. Meu corpo é uma fragil varinha, que se partiria á toa, si não tivesse esta capa ou envolturo de madeira. Lustrosa e negra, fui tirada de uma mina. Sou prima do carvão e do diamante. Não sirvo para cozinhar o teu alimento, nem brilho nos mostruários dos joalheiros. Presto os meus serviços nos escriptorios e nas escolas. Abre o teu estojo eahi me acharás.

— Adivinha si és capaz. Somos duas associadas. Uma não faz nada sem a outra. Sou de madeira e minha socia é de aço. Eu sou roliça e ella é pontuda. Numma das minhas extremidades, calço uma virola de metal com dois dentes curvos, a que se segura minha companheira, quando trabalhamos juntas. Feito o que se tem de fazer connosco, separam-nos e deixam minha socia bem enxutinha. Eu não gosto que me tragam atraz da orelha, nem minha companheira que a ponham na bocca. Abre o teu estojo e ahi nos acharás.

— Adivinha si és capaz. Si me estiras, mudo de fórma e tamanho. Si me soltas, fico como antes. Nasci de uma arvore, que é uma das riquezas do teu paiz. Os meninos, que trabalham sem attenção e sem capricho, estão sempre a esfregar-me no papel. Abre o teu estojo e ahi me acharás.

— Adivinha si és capaz. Si me apertas, torto-me mais pequena do que sou. Si me largas, fico estufadinha. Bebo muita agua e deito-a fóra, quando me expremem. Um mergulhador trouxe-me do fundo do mar, onde eu vivia agarrada a um rochedo. Os meninos asscados nunca me dispensam. Abre o teu estojo e ahi me acharás.

*Mandei fazer um relógio
Da casca de um caranguejo,
Para contar os minutos
Das horas que não te vejo.*

12. - O TABULEIRO DE AREIA



Gosto muito das lições de geographia de d. Lili. No meu grupo, ha uma sala — a *Sala dos Bandeirantes*, aonde vamos, tres vezes por semana, para a aula de geographia. No começo, ficavamos á volta do tabuleiro de areia molhada. Faziamos, d. Lili primeiro e nós depois, montanhas com as suas faldas, as suas ladeiras e os seus cumes. Abriamos regos e estes eram os leitos dos rios. Uma fitinha azul de amarrar embrulhos era a agua corrente. No sulco maior, á margem direita e á margem esquerda, marcavamos as confluencias. Dahi traçavamos sulcos menores, em zigzagues. Estes eram os afluentes.

Com que gosto não aprendi a fazer vulcões! Ajuntava um montinho de areia. No alto, abria

um buraquinho, que servia de cratera. Espalhava pelas encostas as lavas do vulcão — um pouco de pó de giz.

— Aqui está um pedacinho de lava — disse-nos d. Lili.

— Mas isso manñã tem lá em casa, no tuncador! — exclamou o Lucio; — isso é pedrapomes.

— Pois a pedra-pomes é lava de vulcão, explicou d. Lili.

Esta vem de muito longe. Em nossa terra — terra abençoada! não ha vulcões. Nem vulcões nem terremotos. O Brasil é um gigante calmo e bondoso. Nunca espirrou fogo nem se poz a tremer de raiva.

*Amã, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não terás nenhum paiz como este!
Oh!a que céu! que mar! que rios! que floresta!
Natura, aqui perpetuamente em festa,
É um Seio de Mãe a transbordar carinhos.*

Olavo Bilac

13. - DO TABULEIRO AO PANORAMA

Nada para ensinar como nossas estampas bonitas! Com que facilidade e gosto a gente aprende nellas! Quando d. Lili abre o panorama geographico, com as suas côres vistosas e tanta coisa útil para ver, ninguém lhe perde uma palavra. A attenção é geral.

Como a terra é cheia de maravilhas! Nas planicies, as fazendas e as lavouras, as povoações, as cidades, que se ligam umas ás outras por estradas de rodagem e caminhos de ferro. Quanta coisa interessante num caminho de ferro! Os trilhos, as pontes, os pontilhões, os viaductos, os tunneis, as estações e os postes de signaes.

E os portos, então? Tudo nelles é vida e movimento! O mar com as suas marés, as suas ilhas, os seus archipelagos, os seus barcos de pesca. O ancoradouro com os seus navios, o cães com os seus guindastes, as suas locomotivas, os seus vagões e os seus armazens atoados de mercadorias.

Lá no alto de um morro, o semaphoro, que annuncia, com as suas bandeirolas, a entrada e a sahida dos navios.

Tomemos um delles. Levantemos ferro. Aproximemos á barra. Que lindeza é o mar! Calmo ou tempestuoso, elle é sempre lindo. Nos dias serenos, vem elle desmanchar-se em espumas, vem elle espalhar conchinhas por sobre as brancas areias, ou marulhar, contente, á volta dos rochedos.

Nos dias de tempestade, com as suas vagas, eil-o que se transforma em tigre, eil-o a arrebenhar, furioso, contra o costado dos navios, contra as escarpas do litoral.

*A alma arrogante, a alma bravia
Do mar, que vive a combater,
Commove-se á melancolia
Conventual do entardecer.*

Vicente de Carvalho

14. - GOSTAR

Gostar e saciar o gosto
É um prazer natural;
Mas com conta e discreção,
Para não nos fazer mal.

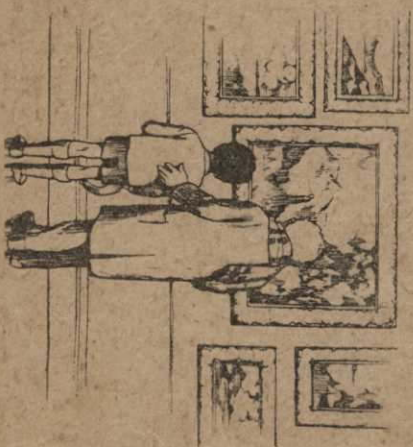
Que tudo o que sabe bem,
Nem sempre é o que mais convem.

Paulino de Oliveira

15. - NAS FÉRIAS DE JUNHO

Começaram as férias de Junho. Vieram a bom tempo que o frio — br! — está de bater o queixo. De casa ao grupo é preciso andar sem preguiça para chegar antes do primeiro signal. A campainha do *seu* Silva não espera. É certa e pontual. Dong! cessa rumor. Dong! é levantar e entrar em fôrma. Dong! e as filas põem-se em movimento para as classes.

Quando o azul se desdobra luminoso e o sol derrama calor e alegria, com que prazer não se vae para a escola! Mas olhem que é duro, já ás sete da manhã, sob o céo baixo e pardo, com as lufadas de vento frio e a garôa, pôr-se a gente a caminhar. Sejant, pois, bemvindos estes vinte dias de descanso. Já abordei o avô e achei-o disposto. Combinamos uma serie de bons passeios.



— Quero levar você primeiro á Pinacotheca. . .

— Que nome engraçado! Rima com bibliotheca. Que é isso, vovô?

— E' tambem uma bella collecção. Em vez de livros, de pintura, você verá alguns quadros de valor, tela dos nossos melhores pintores.

— Conheço os de Almeida Junior numa collecção de gravuras, que a professora nos mostrou.

— Então o seu prazer vae ser maior. Você conhecerá os originaes, de que as gravuras só podem dar uma idéa muito pallida.

— Estará, na Pinacotheca, o *Caipira pican-do fumo*? . . .

— Esse e outros muitos. Vamos ter uma hora do mais fino goso. Temos lá quadros que encantam pela naturalidade e pelo colorido. Parece que a gente está realmente vendo os nossos caipiras, as nossas arvores, as nossas estradas, as nossas aguas, o nosso céu.

— *Canoeiro, canoeiro,*

Quê trouxe na canoa?

— *Trouxe ouro, trouxe prata,*

Trouxe muita cousa boa.

16. - O THERMOMETRO DESCE

O frio apertou esta manhã. Meu pae viu o thermometro e disse ao avô:

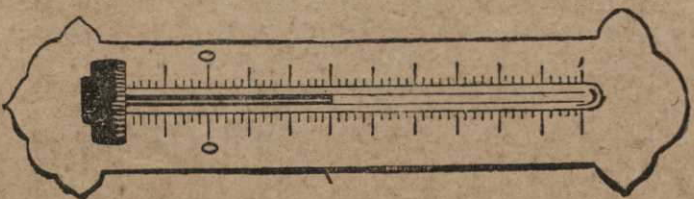
— Doze graus! Como o thermometro desceu!

— E, hontem, ás duas da tarde, marcava quinze, — disse eu.

— Bravos, Plinio! Então você já entende de thermometro? — perguntou-me o avô.

— O bastante para lhe comprehender a utilidade. Nossa professora tem um delles em classe. Por experiencias faceis, ella nos fez ver que os corpos se dilatam pelo calor e contraem-se pelo frio. Depois ella mostrou commosco um thermometro. Trouxe um tubo de vidro muito fino e terminado por uma bolinha tambem de vidro. Encheu de espirito de vinho, tinto de vermelho. . .

— De espirito de vinho? ! Esta não sabia eu. . . — interrompeu-me o avô.



— Sim, senhor. Qualquer liquido pôde servir. O mercurio, branco e brilhante, é o mais empregado. Mas o alcool, disse-nos a professora, é até o unico que serve para os thermometros dos viajantes que andam pelas terras muito frias.

— A professora encheu de espirito de vinho. . . Continue.

— Encheu de espirito de vinho a bolinha de vidro ou reservatorio e fechou a bocca do tubo, derretendo-a á chamma de um fogareiro. Estava prompto o thermometro. Ao longo do tubo está tracada uma linha vertical dividida em partes iguaes, que se chamam graus. Com o calor, o alcool, como um fiozinho vermelho, sobe ou desce pelo estreito gargalo. Basta olhar, como papae acaba de fazer, e a gente logo sabe de quantos graus é o calor.

Quem me dêra ter agora

Um cavallinho de vento,

Para dar um galopinho

Onde está meu pensamento.

17. - O INVERNO

Sem garôa e de céu limpo, não ha tempo melhor que o nosso inverno. O friozinho secco é agradável. A gente tem vontade de andar e trabalhar. Quando vem a hora da refeição com que bom appetite comemos! Em casa todos se activam. Ninguem quer estar parado. Papae não chama rachador de lenha. E' elle mesmo que pega o machado. Em mangas de camisa, traz do telheiro os tóros, descarrega os primeiros golpes — pan, pan, pan! mette a cunha e dahi a pouco temho serviço. Levo para o telheiro as achas de lenha e von empilhando-as em logar bem secco.



E' um inverno amavel o nosso. Não amedronta nem deixa as criaturas trancadas dentro de casa, a tiritar ao pé do fogo. Nós vivemos na terra do sol, da luz e da vida ao ar livre. Que dif-

ferença vae agora por outros paizes mais para o sul do nosso! Por lá, o inverno não é de brincadeiras. Cai neve noite e dia. Casas e campos ficam debaixo do lençol branco. Das montanhas rolam blocos de gelo, que arrasam as plantações e matam os rebanhos. Nos mares, as tempestades atumdam os navios, ou os espedaçam contra os rochedos da costa.

Congelam-se os rios. As aves fogem em procura de climas mais amigos. E os pobres sem lar e sem lenha como soffrem!

*Parece que choram sempre
As flores do campo santo;
Quando a ventania passa,
Cae orvalho como pranto.*

18. — PALPAR

Ver só com o olhar não basta,
Numa ou noutra occasião;

As vezes urge *palpar*:

Palpar é ver com a mão.

O cego *palpa* — p'ra ver,
Nós — p'ra melhor conhecer.

Paulino de Oliveira

19. - ISTO É QUE É FRIO!



O sol amigo, prodígio conhecido da sua luz e do seu calor, deixou-nos mal acostumados. Somos uns peregrinos para o frio. F' bastante que os seus raios benfazejos diminuem um pouquinho a nossa razão, e os agasalhos não chegam para as encomendas. Corremos a vender-nos de sobretudos, mantas, luvas e regatos.

Que seria de nós, si fôssemos dar conhecido nas regiões polares? Frio é o de lá. Essas tristes paragens o sol as deixa abandonadas durante grande parte do anno. São desertos de gelo, sem

árvores, sem a voz dos homens, sem o canto das aves.

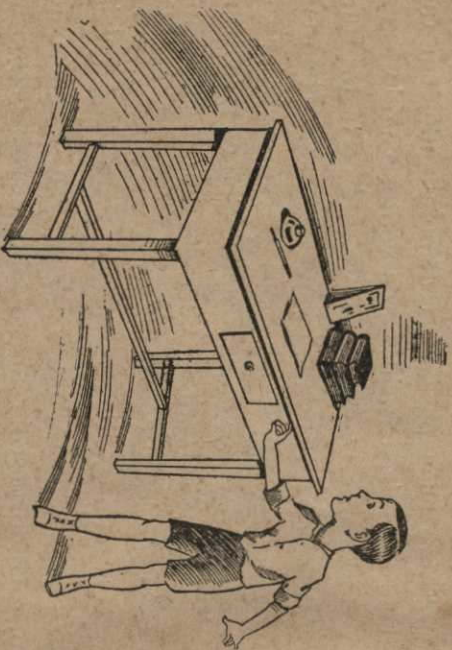
Por nove mezes, a neve não cessa de cair. O sudário branco amortalha aquellas terras mortas. Sobre ellas passam, redemoinhando, em rajadas e carreiras furiosas, os ventos rugidores.

Os mares transformam-se, até certa profundidade, em bancos de gelo, que logo se partem em grandes pedaços. Esses blocos ficam a boiar ao sabor dos ventos e das correntes. São os gelos flutuantes que servem de jangadas aos ursos brancos, ás phocas e aos mangotes.

Os navios, que se arriscam em caça á baleia por aquellas costas inhospitas, fogem a todo pano, quando descobrem, ao longe, essas perigosas montanhas errantes. Mais de um veleiro e até grandes vapores têm ellas afundado com o choque de sua massa enorme.

*Quem tem o tempo de seu
E delle não se valeu,
E' de ver que agora chora,
Chora o tempo que perdeu.*

20. — MINHA MESA DE PINHO



Roberto ainda não havia voltado do Lyceu. Em nosso quarto, eu estava copiando um hymno, que d. Laura explicou e deu em classe. O silêncio era tão grande que eu escutava a penna ranger sobre o papel. Ouço, de repente, dois estalidos secos da mesa de pinho, em que estava occupado. Presto attenção. Chega aos meus ouvidos uma voz que me diz :

— Boa noite, patricio.

— Boa noite, — respondo. — Mas quem é que me fala?

— Eu, a tua mesinha de pinho, meu patricio,

— Minha patricia?! — interrogo cheio de espanto.

— Sim, patricio e tambem vizinho. Tu és paulista e eu sou paranaense. O meu Estado...

— Está ao sul do meu.

— Isso. Vejo que estudas a geographia do teu paiz. Pois assim é, somos patricios e vizinhos.

— E como vieste parar aqui? — indaguei, mordido de curiosidade.

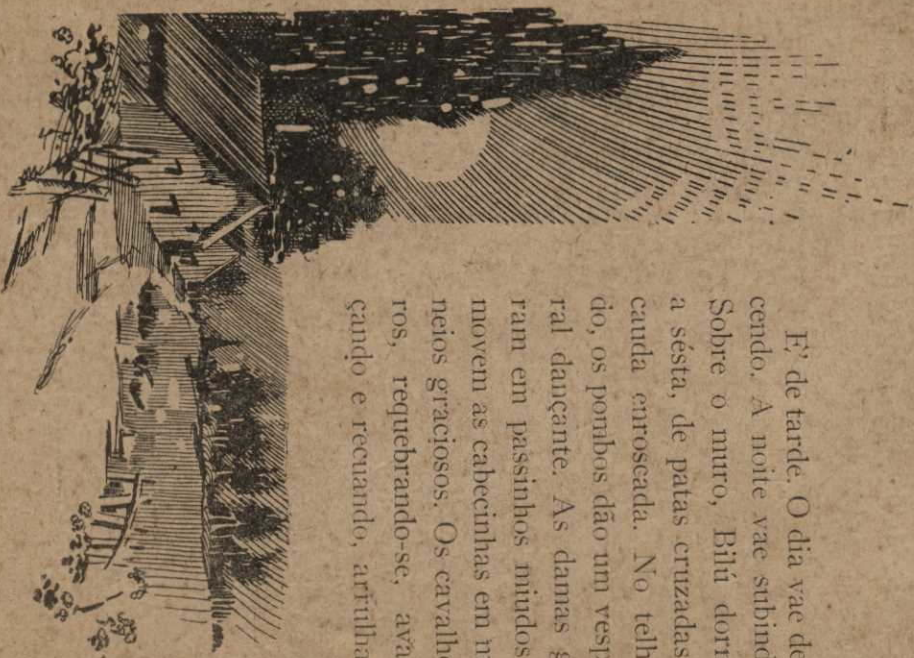
— Eu te conto: — Sou filha de um pinheiro que vivia, entre milhares de outros, em minha bella terra — o Paraná. Esbelto, erguia-se meu pae como uma columna encimada pelos galhos que, em tufos de palmas, se arqueavam para cima e formavam lá no alto um cesto sempre verde. Um dia, homens armados de machados e serras chegaram. Começou a derrubada. Encheu-se o pinheiral de rumores. Soavam os machados que golpeavam, soavam as laminas denteadas que serravam. Tombavam fragorosamente os lindos troncos. Logo ficaram partidos em tóros. Vieram os carros de bois e os carregaram para a serraria, que os dividiu em tabuas. Eu era uma dellas. Levaram-nos para um porto e dali para bordo de um navio. Chegamos a outro porto e fomos retiradas, em pilhas, do porão para o cães pelos guindastes. Ficamos varios dias amontoadas num dos

armazens do porto até que, enfim, um trem nos veio buscar. Depois de algumas horas de viagem, chegamos a esta cidade e fomos descarregadas num deposito, que fica no desvio da linha. Vive ahí de separar-me das minhas irmãs. Teu pae comprou-me e vim para a sua marenaria, onde elle me transformou no que sou — na tua mesinha de estudo.

*Pinheiro, dá-me uma pinha,
Pinheiro, dá-me um pinhão;
Menina, dá-me os teus olhos,
Que eu dou-te o meu coração.*

21. - AO ANOITECER

É de tarde. O dia vae descendo. A noite vae subindo. Sobre o muro, Biliú dorme a sêsta, de patas cruzadas e cauda enroscada. No telhado, os pombos dão um vespertal dançante. As damas giram em passinhos miudos e movem as cabecinhas em meneios graciosos. Os cavalleiros, requebrando-se, avançando e recuando, artífiam



de papo cheio. Na cumieira, encolhido na sua velha casaca preta, um urubú melancolico espia com inveja a alegria dos pombos.

As andorinhas não tomam parte no baile. Voando em bandos ruidosos, pegam, no ar, pequenos insectos para os filhotes, que, ansiosos, as esperam pousados no beiral. Zuct! é uma que chega como uma flecha e larga, na bocca do guloso, alguma cousa gostosa.

No quintal vizinho, uma gallinha de Angola, rabugenta, ensurdece com o seu *to-fraco, to-fraco*, o peru que, vermelho de raiva, gruguleja como a dizer-lhe — Pois vá papar minhoca!

As plantas já tomarão o seu banho, banho de chuveiro que lhes dei com o meu regador. Estão agora frescas e estremecem, contentes, á visão da tarde.

As mamangavas vêm, zumbindo, de corolla em corolla, para sugar o mel, o mesmo mel, doce e cheiroso, que as boas flores dão ás abelhas, aos colibris e ás borboletas. Para as boas flores, todos são irmãos: a mamangava peluda e negra, a

abelha dourada, o colibri fruta-côr e as borboletas multicores.

*As saudades que te trago
Foram da terra arrancadas,
Mas as que sinto por ti
Estão n' alma enraizadas.*

22. - CHEIRAR

Aspirar flores, perfumes...
Que delicia é o cheirar!
Os bons aromas, que os outros
Devemos sempre evitar!

Só pelo cheiro ao teu lado
Sei si és ou não assado.

Paulino de Oliveira

23. - NOSSAS CRIAÇÕES

Ao fundo do
quintal, com a
sua cancelinha
verde, vê-se o
galinheiro.

Tudo ali está
em boa ordem:
a água fresca
nos bebedou-
ros, palha fo-
fa nos mi-
nhos. Sobre o
chão uma camada de arcia de mistura com cal. A
arcia auxilia a digestão das aves e a cal lhes faz
crescer os ossos.

Mamãe acha, no seu bonito galinheiro, uma
das suas occupaões predilectas, e tambem, o que
não é mau, uma boa fonte de renda. Todas as se-
manas, o homem da feira vem comprar-lhe ovos
fresquinhos e frangos pesados de gordos.

Para os ter assim, ella não descuida das suas
criações. Sabe tratá-las. Nunca lhes falta pó de
osso e de marmore, que vou buscar na fabrica de
botões e no marmorista. De manhã, a peneira



cheia de talos bem picados e de folhas de couve, alface e amendoim, põe em alegre reboliço o galinheiro.

Os pintos regalam-se com farelo e quirera. Piu, piu, piu! e vão enchendo o papo sob os olhos vigilantes da mãe amorosa. O milho, este é para o pessoal gráudo que tem moela forte para moer — o gallo, as galinhas e os frangos. Com uma vidoca assim tão boa, não é de admirar que as criações cresçam e engordem depressa.

A mulher do sapateiro, nosso vizinho, não se cança de queixar que as suas galinhas quasi não põem ovos. A coitada anda sempre ás voltas para as curar de gôgo e pevide. A falta de asseio e má alimentação são a causa dessas e de outras doenças que atacam as aves.

*As flores do cafeeiro
Estão brancinhas a cair...
Não fiques triste, menina,
Quando me vires partir.*

24. — O REI DO GALLINHEIRO

Cedinho, mal desponta a madrugada, o gallo desce do poleiro. E' um rei madrugador. E' elle que desperta a corte a toques de clarim. Quer todos acordados, galinhas, frangos e pintos, para, reunidos, saudarem o nascer do sol.

O mesmo fazem os reis vizinhos. Ouve-se o

primeiro canto, canto saudoso e solitario, que rompe o silencio. Ouve-se um segundo, um terceiro canto, espaçados e preguiçosos. São os brados de alerta. O sol não tarda. Os acampamentos despertam, as sentinellas batem as azas e bradam ás armas. Amindam os cantos e, dahi a pouco, em concerta com a passarada, não alguns, mas todos os gallos cantam, um após outro, num desafio harmonioso e bello.

Rei e cantor, o gallo governa o seu povo com docura e coraçaõ grande. Na capoeira, longe do



gallinheiro, em paiz extranho, está sempre na frente do bando, para o proteger de algum perigo, ou para lhe descobrir alguma petisqueira. Vermes ou larvas que ache, não os come sózinho. Elle sabe não ser elle só que tem bocca... Começa a chamar a prole, a bater, impaciente, no chão, com o bico, a mostrar que o pitéo ali está.

Bom rei, bom cantor, bom chefe de familia, não pensen lá que o gallo seja uma criatura perfeita. Não é. Ninguém é. Elle gosta de guerra, e é guerreiro valente. Os reis vizinhos são os seus inimigos. Um que invada o terreiro, e começa a lucta, lucta sangrenta, peito a peito, em que as armas — bico e esporão, deixam as cristas e os barbilhões cobertos de feridas.

*Arranquei do ferro frio,
Fiz o poço recuar,
Eu sou cabra perigoso,
E' bom não facilitar.*

25. — CESTINHO DE MORANGOS

Em Junho, nas manhãs claras e frescas, ajudo minha mãe na plantação dos morangos. A ultima que fizemos ha dois annos, den colheitas abundantes. E' stamos agora replantando com boas mudas que, de S. Ro-



que, mandou á minha mãe uma comadre.

As mudas estão viçosas e já vieram com terra, muito bem arranjadas em jacazinhos.

Ao fundo do quintal, ha um talhão de terra um tanto arenosa e bem adubada. E' ahí que estou passando algumas das melhores horas das minhas férias. Comecei por uma boa carpa. Arranquei as plantas já velhas. Com o enxadão cavei fundo, e, quanto mais cavava, menos frio ia sentindo. Tanto melhor! Cheguei mesmo a suar. Viva o enxadão! Não foi tambem sem orgulho que senti o ardor das primeiras empoças. Outro

sobre azul! Não quero mãos macias e, sim, cal-
lejadãs no trabalho como as de meu paé.

Quando me canço, deito-me á sombra de nos-
sa laranjeira, que está a vergar de lindos pomos
de ouro. Sabiás e sanhaços festejam o banquete
da boa arvore com os seus mais bellos trindados.

Lembro-me, então, da alegria de manãe e
do avô quando chegar Janeiro. O pedaço de terra
estará coberto pelo verde dos morangueiros car-
regados de fructos tenros, humidos e vermelhos.
E' o avô que tece os cestinhos. Feita a colheita,
vão para elles as pyramides de morangos. E' ma-
mãe tira um bom ganho, vendendo-os a uma casa
de fructas do mercado.

Agora eu vou dividir

As fructas do meu sertão:

Tem manga, ingá, graviola,

Condessa, lima e limão.

26. - AS FLORES

Deus ao mundo deu a guerra,
A doença, a morte, as dores;
Mas para alegrar a terra,
Basta haver-lhe dado as flores

Umás, criadas com arte,
Outras, simples e modestas;
Ha flores por toda a parte:
Nos enterros e nas festas,

Nos jardins, nos cemiterios,
Nos paúes e nos pomares;
Sobre os jazigos funereos,
Sobre os berços e os altares.

Reina a flor! Pois, quiz a sorte
Que a flor a tudo presida,
E tambem enfeite a morte,
Assim como enfeita a vida.

Amae as flores, crianças!
Sois irmãs nos esplendores,
Porque ha muitas semelhanças
Entre as crianças e as flores.

Olavo Bilac

27. - VESPERA DE S. JOÃO

Em casa ninguem fica
inactivo na vespera de S.
João. Papae já trouxe da
cidade uma bella bandeira
com a imagem do santo,
de estandarte e m p u-
nho e o carneirinho ao
collo.

O mastro, sobre dois
cavalletes, está sendo pin-
tado, no quintal, a capri-
gho. Roberto deu-lhe pri-
meiro u'a mão de verde.

Depois cortou tiras de pa-
pel, emendou-as e enrolou a comprida fita à volta
do madeiro, em espiral. Agora é a vez do amarel-
lo. Vae elle passando a brocha nos logares não
cobertos pelo papel. Daqui a pouco estará con-
cluida a pintura. Tiraremos o papel. O mastro ha
de ficar vistoso nos seus listões verdes e ama-
rellos.

Na varanda, não é menor a actividade. Alice
e eu já temos promptos alguns balões de côres bem



combinadas : azul e branco ; vermelho, verde e amarello ; roxo e verde.

Dos arcos e das mechas foi o avô que se incumbiu. Ali está elle, debaixo da latada de madre-silvas, a manejar o alicate e a tesoura para cortar o arame e a estopa.

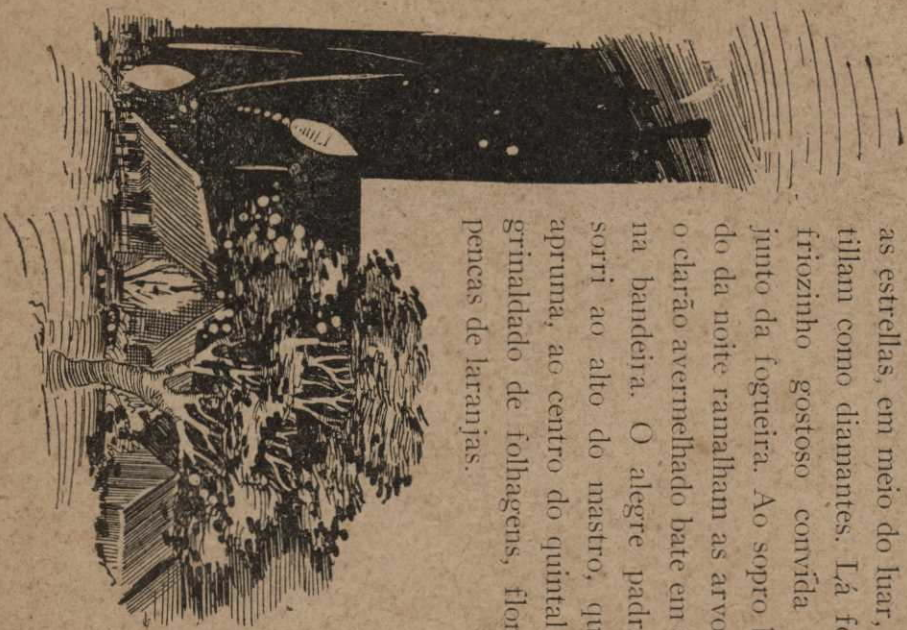
Mamãe tambem está em preparativos. Escolheu, no seu caderno de receitas, algumas das melhores. Bate ovos, mede trigo e assucar, sóca, no almofariz, canela, cravo e noz moscada. Vem da cozinha o cheiro agradável de todas essas coisas gostosas. Ainda ha pouco fui dar uma espiada... Olhem que me cresceru agua na bocca ao ver, alto e grande, um soberbo "bolo de frade", que havia sahido do forno naquelle instante.

*O céo, todo rendilhado,
de estrellas apaconado,
agora que a terra dorme
nestas horas mais desertas,
parece as azas abertas
de uma borboleta enorme,
voando em busca de Deus!*

Catillo Cearense.

28. - NOITE DE S. JOÃO

O céo está lindo, tão puro que as estrellas, em meio do luar, scintillam como diamantes. Lá fóra o friozinho gostoso convída para junto da fogueira. Ao sopro branco da noite ramallham as arvores e o clarão avermelhado bate em cheio na bandeira. O alegre padroeiro sorri ao alto do mastro, que se apruma, ao centro do quintal, engrinaldado de folhagens, flores e pencas de laranjas.



Enquanto os roletes de canna e as batatas
assam no borralho, vamos soltar os balões. Muitos
critizam já os ares. Estouram bombas. Riscam o
espaço foguetes de tres respostas que repentam,
desmanchando-se em lagrimas. Na rua, os pequen-
nos entregam-se aos seus folguedos. Venha um
balão a calir e é de ver a correria ruidosa para
o pegar.

Meu pae accende a mecha dos balões e Ro-
berto, do topo da escada, os sustenta, enquanto
se enchem.

— Larga! — gritamos em côro. E os balões
erguem-se somnolentos, a cabecear, mas logo como
que acordam e disparam a subir. Desde que os
descobre, a criança da rompe a cantar:

*Lá subiu o meu balão
Murcho como perú,
Com vela de tostão,
Em papo d'urubú!*

Um que venha a queimar e o desastre é san-
dado, em meio do vozerio e dos assobios, com os
versinhos:

*O balão queimou
Duma banda só!
Elle tem calindo,
Calirú no pó!*

*Cae, cae, balão,
Cae, cae, balão.
Cae, cae, na noite de S. João.*

29. - NO BUTANTAN



— A manhã está linda, Pílnio. Vá vestir-se. Iremos à cidade de bonde, e lá tomaremos o de Pinheiros. Dahi ao Butantan é um pulo.

Não deixei que o avô repetisse o convite. Fui para o quarto e troquei de roupa em dois tempos. Era uma velha promessa que o avô realizava. Elle falava-me com orgulho do Butantan e dos seus serviços humanitarios.

— Como tudo melhora e progride! — dizia-me elle. — Antigamente, e ainda hoje, entre gente rude e simples do campo, as mordidas de cobras eram serviços para os curandeiros, que faziam benzeduras e rezas, davam ao offendido garrafadas e, assim, com essas mézinhas menti-

rosas, pretendiam salvar-o. Não viesse a natureza em seu auxilio e o desgraçado morria a estorcer-se em dores horribeis. Quantos não vi agonizar assim! Hoje, com os sóros do Butantan, centenas de pessoas, na maior parte jornalheiros das nossas roças, têm á mão remédio salvador.

A viagem de bonde correu agradável. Chegamos ao alto do Butantan e enveredamos pela formosa alameda que leva do portão ao edificio do Instituto.

Foi o proprio director, o dr. Vital Brasil, que nos recebeu. Elle mesmo quiz acompanhar-nos. E quanto lucrámos na sua companhia! Ia explicando-nos com clareza tudo o que viamos: os laboratorios e as estufas, onde se preparam os sóros.

Na cidade das cobras, no serpentario, vimos uma grande variedade dellas, venenosas umas, outras não. Pude, enfim, conhecer de perto a utilissima *mussurana*, inoffensiva para o homem, mas terrivel inimiga das outras cobras, que ella ataca e devora.

Fiquei muito satisfeito com tudo o que vi. Mas o que deveras me encantou foi o trato simples e bondoso do dr. Vital Brasil, cuja figura sympathica, de roupão e gorro brancos, é daquel-

las de que a gente gosta de se lembrar. E' o mesmo homem, affavel e acolhedor, com todos que o procuram naquelle santuario da sciencia e do trabalho.

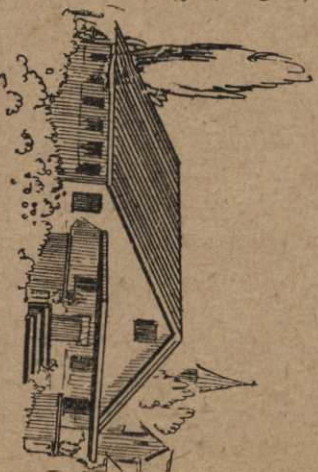
*Até nas flores se nota
A differença da sorte;
Um as enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte.*

30. — REABREM-SE AS AULAS

Estive, hoje cedo, na livraria. Como aquillo estava abarrotado de gente! Muitos dos meus colegas lá os encontrei a esco- lher livros, cadernos, reguas e lapis. Fiz minhas compras e puz-me a caminho do grupo.

Tagarelamos a valer e chegamos como eu gosto de chegar — antes do primeiro signal. O predio foi pintado nas férias. Parece novo em folha, mas deita um cheiro de tinta fresca que é de entontecer.

Mergulho os olhos pelo corredor, por onde vae indo para uma das classes *seu* Pedro, o zelador, com as cartas de Parker montadas no cavalete. Junto ao vestibulo, palestravam alguns professores. O director está no recreio e tivesse tempo — somos tantos! parece que o seu maior desejo seria vir apertar as mãos de todos nós, um por



um. Não lhe é possível, mas, em meio dos meninos que o cercam, vae correspondendo com um bom sorriso aos cumprimentos dos alumnos que entram aos magotes, rindo e chilreando.

Primeiro signal, segundo e terceiro. Ejs-nos em fôrma. Uma surpresa. Vãmos ter nova professora. Terá d. Lili sabido do grupo? Si assim fôr, hei de sentir bem falta. Lya gostava de vel-a chegar á escola vestida como si viesse para um baile. Que vestidos! Trazia, nos dias frios, um abafô de pelles alto e sedoso, de que nunca me hei de esquecer. Tinha a rica peliça uma cabeça de raposa, que eu achava tão bonita e não cansava de admirar. Oh, cabeça de raposa, cabeça fei-ticeira, quantas vezes me distrahiste das minhas lições! Quanta nota baixa tirei por tua causa!...

Esta escola, nosso ninho,

Regoço feito de amor,

Tem a graça dum carinho,

A pureza duma flor!

Antonio Peixoto

31. — MINHA NOVA PROFESSORA



Duas cousas fizeram-me logo sympathizar com a nova professora: a modestia do seu vestuario e da sua voz. Gosto de seus vestidos de musselina, claros e bonitos. D. Laura tem um modo de explicar que é naturalmente bom e meigo. Aprecia que a interrompanos com as nossas perguntas e... os nossos disparates. Nunca se zanga. Está sempre alegre e não grita — silencio! quando rompe em classe uma boa risada.

— Ouçam — é só o que ella nos diz quando começa uma lição.

Cessa o rumor. A classe prende-se áquelle sorriso amiguo e leal, que lhe illumina o rosto magrinho e pallido. Põe-se a falar. As palavras saem-

lhe, pausadas e harmoniosas, suaves que mais pa-
recem canto.

A sua lição não é nunca um discurso. É' uma
palestra muito íntima e simples, que não cansa a
atenção.

Quem sabe?... Quem pôde resumir o que
acabo de explicar? são perguntas que a cada pas-
so ella faz e não deixam que a distração estrie
a nossa curiosidade. Assim, estamos sempre aler-
ta, e ella sempre paciente, para repetir o que não
comprehendemos.

*O signal da nossa crença
Vê-se até no céu azul:
Sobre nós, benção suspensa,
Brilha o Cruzeiro do Sul!*

32. - TENHO DÓ



Tenho dó do Nelson, filho daquelle compra-
dor de café, que enriqueceu e mora agora num
palacete.

Tenho dó delle quando, á porta do grupo, o
vejo saltar do seu automovel e passar pelo nosso
porteiro sem lhe dar bom dia.

Tenho dó delle quando não vem sentar com-
nosco ali nos bancos do recreio, em que todos
nos sentamos, rimos e conversamos como bons
irmãos.

Tenho dó delle quando o vejo, na fôrma, tão empertigado, a olhar de soslaio para a nossa roupa e os nossos pés descalços.

Tenho dó delle quando, na classe, á hora das lições, erra e responde com maus modos ás perguntas de d. Laura.

Tenho dó delle quando, no recreio, o vejo a passear como petú de roda, a mirar-se todo no seu luxu de menino rico.

Tenho dó delle quando come, guloso, a sua fina e gorda merenda sem dar nunca um pedaço a ninguém.

Tenho dó delle quando, ao meio-dia, entra no seu automovel e roda para o seu palacete, sózinho, como si fosse boneco de porcellana.

*Tudo muda, tudo passa
neste mundo de illusão,
vae para o céu a fumaça,
fica na terra o carvão.*

Guilherme de Almeida.

33. — O JÉCA!

Tinhamos aberto os cadernos de calligraphia. D. Laura estava escrevendo, no quadro, a sentença-modelo, quando a porta se abriu e ouvimos uma voz muito nossa conhecida:

— Com licença, d. Laura.

Era o director, em companhia de um alumno que acabava de matricular.

— Fica D. Laura agora...?

— ... Com 32 matriculados. Todos presentes.

— Felizmente estão diminuindo os casos de sarampo e a frequencia vae melhorando. Aqui o deixo, Turibio Conceição, com os seus novos amigos e collegas. Até logo.



Era visível o acanhamento do menino. Que boa physionomia! Tudo nelle, os modos e a ropinha de riscado, era simples como a roça em que se criara e donde acabava de chegar. D. Laura levou-o para uma carteira vaga, á frente da que o Nelson occupa.

O pobre Turibio começou logo a ser aborrecido pelo mau vizinho. Puxava-lhe a aba do paletó e perguntava-lhe: — O' Jéca, que tal a cidade? Hein, Jéca?

— Abram os seus livros á pagina quarenta e um — pediu a professora. — Façamos a leitura silenciosa.

Passados os cinco minutos, d. Laura chamou o Nelson. Foi o fiasco de sempre. Chamou o Turibio e o pequeno, um pouco cantado, mas bem claro, sem nenhum erro, leu a lição. Fechou o livro e contou o que leu.

A' hora dos problemas, só o Turibio acertou-os. Nós olhávamos com admiração o roceirinho. O Nelson deixou de o atormentar. Viu o vaidoso que o Jéca sabia muito mais do que elle.

34. - QUE BOM COLLEGA!

Pergunte quem quizer qual o melhor alumno do grupo. Pergunte que a resposta será uma só. Todas as boccas dirão — Ah! é o Gregorio, preto de cara, mas branco de coração.

Nunca ninguém o apunhou numa mentira. Não



é novidadeiro e seria incapaz de denunciar um collega. Está no 4.º anno e vae tirar o diploma. Tem o primeiro logar na sua classe. E' o mais comportado, o mais applicado e o mais assiduo. E' elle que, nos dias de festa nacional, hasteia a bandeira no mastro grande do recreio.

A' hora do descanso, onde está o Gregorio logo se vê pela roda de collegas que o cercam. Não tem igual para contar um caso engraçado. E' de a gente rir até não querer mais. Sabe de cór as *Historias do Arco da Velha* e arremeda o *Jéca Tatú* quando brigou, no matto, com a onça. Já leu o *Robinson*, a historia de um marinheiro que

naufragou junto a uma ilha deserta e ahí viveu só-zinho, entregue a si mesmo, por muitos annos.

O Gregorio esteve com os escoteiros no Rio de Janeiro, por occasião das Festas do Centenario. Acampou no jardim do Palacio do Catete, viu o Presidente da Republica, desfilou pela Avenida Rio Branco, subiu ao Pão de Assucar no bonde aereo, almoçou no alto do Corcovado e admirou as bellezas da bahia de Guanabara, a mais bella do mundo.

Com que paciencia o Gregorio atura os pe-
quenos do 1.º anno! Para elles traz de casa bol-
nhas de vidro, caixas vazias de phosphoro, nume-
ros do *Tico-Tico*, petéas e papaventos de papel.
Quantas vezes já vi o Gregorio tirar da sua pobre
merenda um bom naco para o collega, que lhe está
ao lado e nada trouxe!

Na rua, não assobia, não grita, não corre,
nem atropela os que passam. Vae direito para ca-
sa. Veja, porém, alguns companheiros a rulgarem,
a se ameaçarem de punhos fechados, eil-o que

acode e tudo dá em nada, que elle, com boas pala-
vras, os harmoniza.

No jardim vi duas rosas
Enfeitando o mesmo galho:
Esparziam o mesmo aroma
E bebiam o mesmo orvalho.

35. - A MAIOR DAS LADRAS



— Quem viu o meu chapéo? Onde estará o meu chapéo? Não o encontro. Sete e meia! Vou chegar tarde ao grupo.

— O meu guarda-chuva! Quem pegou o meu guarda-chuva? Debaixo deste aguaceiro como hei de sair? Oh, Senhor, vou perder um dia de escola!

— Zizinho, empresta-me uma penna. Não pude encontrar o meu estojo. Hontem sem lapis, hoje sem penna... A professora me abaixa a nota.

— Margarida, passa-me uma das suas agulhas. Bati-me pela minha, não houve meio de achal-a e hoje temos costura.

Sabem vocês quem vive assim nesse atropello, sempre a pedir e a choramingar? Eu sei. É a Desorden, a desmazelada que, por onde passa, deixa tudo em desalinho e confusão, de pernas para o ar.

Vejam como ella revolve as gavetas e mexe os papeis! Vejam como ella desarruma os livros e os deixa fóra das prateleiras, esparramados pelo chão, largados por cima das mesas!

Andem com ella e vocês hão de ver que a Desorden é uma ladra perigosa.

— Então é ladra a Desorden?

— A maior de todas, porque nos rouba o que temos de mais precioso. Rouba o nosso tempo. Fugiam della. Um logar para cada cousa; cada cousa em seu logar. Não se esqueçam.

36. - A ARANHA

Olhae, menino, como tece a aranha
A fina teia de ouro na parede.
Vêde que a teia muito espaço ganha
E alastra-se gloriosa e bella, vêde!

Não é preciso muito para a rede
De ouro daquella operaria extranha,
Breve servir-lhe de um abrigo — crêde! —
Onde se esconda de inimiga sanha...

Assim tambem podeis ter um abrigo
Si fordes, criança, do trabalho amigo,
Um forte, um grande companheiro honrado!

Mas é preciso que busqueis o exemplo
Nessa aranha que faz seu aureo templo
Na paz singela do trabalho amado!

Bras Zacarias.

37. - COMO SE VIAJA



Viaja-se a pé,
de alforge às cos-
tas e de bordão na
mão. Caminha-se
pouco. Pára-se e
agui, quando o sol
é forte. Pára-se adiante à beira de um regato, que
corre, cantando à sombra, sobre um leito de mus-
gos e pedrinhas alvas. E' só abaixar e bebe-se, na
concha das mãos, da sua agua fresca e deliciosa.

Viaja-se montado. Bem cedo vae-se buscar o
cavallo no pasto. O viajante traz os arreios, en-
silha o animal, monta e — até á volta! lá vae,
estrada fóra, a passo, a trote ou a galope da no-
bre e briosa montaria.

Si a viagem é longa, os caminhos ruins, preferem-se os machos e os burros, que resistem mais às fadigas e vencem com maior firmeza as ladeiras pedregosas das montanhas. Uma tropa na estrada, a "*madrinha*" à frente, com a sua cabeça de guizos e campainhas, atraz o baco-baco dos lotes, cada um com o seu tropeiro, é um dos quadros mais bonitos dos nossos sertões. J

Viaja-se de trem com rapidez e conforto. Ha carros-restaurantes e carros-dormitorios. Póde-se viajar, noite e dia, sem deixar o comboio.

Viaja-se de automovel pelas estradas de rodagem. A viagem será das mais agradaveis si o motor fôr bom, si o motorista souber o que faz e... si o pneumatico não arrebentar.

Viaja-se de aeroplano e esta é a mais rapida das viagens. A mais rapida e a mais perigosa. Póde-se ir de um logar para outro em linha recta.

Viaja-se a bordo dos navios de vela e dos vapores. Estes são verdadeiras cidades fluctuantes, que transportam de um porto para outro, ou de um continente para outro continente, passageiros e toneladas de mercadorias, aos milhares.

Pelos areaes, seccos e aridos, de um oasis para outro, viaja-se montado em camelos, que pódem

ficar sem beber até dez dias. Rápidos, doces e sobrios, são como que os nuzios do deserto.

*Sino, coração da aldeia,
Coração, sino da gente:
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente...*

38. - SOMMAR

Sommar é conta singela
De alinhar e de fazer;
Sommar é sempre agradavel,
Ou seja outro ou saber.

Sommar é indispensavel,
E nos ensina afinal;
Que é dos poucos — as parcellas
Que se faz muito — o total.

Fazer addição, sommar,
E' ajuntar
E' sabiamente augmentar.

Paulino de Oliveira.

38-A. - SUBTRAHIR

Subtrahir saber deveis,
Mas como conta sómente;
Subtrahir, seja a quem fôr,
Não é para honrada gente.

Subtrahir ou diminuir
Póde ser bon, ter bon fim;
Diminuir — só o que é mau;
Subtrahir — o que é ruim.

O subtrahir —
— Seja a quem, ou que fôr —
E' reduzir

Paulino de Oliveira.

39. — DEBAIXO DA MANGUEIRA

É, meia-noite e o tribunal do jury está reunido sob a mangueira. Preside á sessão a aranha. Cincoenta vagalumes illuminam a sala, que está sob a guarda de vinte morecos. Vão ser julgados dois perigosos bandidos: a lesma e o caracol.

Pançudinho e pimpão no seu fraque preto, o besouro occupa a tribuna da accusação. O escrivão é o magro gafanhoto. Nas cadeiras de jurados, vêem-se sete grillos, que falam, em cris-cris baixinhos, dos criminosos e dos seus crimes. A aranha, sentada na sua teia, abre a sessão. O gafanhoto põe os olhos e lê, sem carrego, o processo. O réo e a ré presentes, na calada da noite, roeram e comeram o vestido cõr de esmeraldas da roseira. As testemunhas de vista, dois bem-te-vis, confirmam os seus depoimentos.

Trepado na calva de um cogumelo, o besouro faz a accusação. O seu zum-zum é ouvido no mais profundo silencio. O caracol atrai para traz o seu bello capacete e estica os dois tentaculos, que lhe sustentam, a custo, os olhos esbugalhados de raiva. A lesma, esta nem se mexe.

Dada a palavra ao defensor, levanta-se o eloquente louva-a-deus. Abotoa a sua sobrecasaca verde, bebe duas gottas de orvalho e, mal começa a defesa, é interrompido pelas gargalhadas de uma coruja. Dois morecos deitam, fóra do recinto a perturbadora.

Os grillos recolhem-se á sala secreta e voltam com a resposta aos quesitos do presidente do tribunal. Ergue-se então a aranha. Condenna á pena de morte os accusados e termina por estas terriveis palavras:

— Cumpra o executor a nossa sentença.

Um sapo, que é o carrasco, salta da sua tóca e engole os dois réos.

As rãs rompem em aclamações de alegria: crak, crok! crak, crok!

40. - ZULÚ



Zulú é prequinho. O seu cabelo é ainda mais preto e crespo como lã de carneiro. O nariz é uma batatinha esborrachada. Mas que olhos lindos! Grandes e negros. Os lábios são grossos e vermelhos. E os dentes? Quem os terá mais bonitos, assim alvos que nem cangica?

Zulú vive no sertão africano, onde o calor é tão forte que elle só anda de tanga. Por entre bananeiras e palmeiras, apparecem as casas de sua aldeia. São todas de sapé com um tecto afunilado. De longe, parecem cupins enormes. Não têm janellas e foram construidas sobre estacas, para os seus moradores se livrarem das inundações e das fétas,

O grande rio, onde estão amarradas as canoas, transborda todos os annos, em Dezembro e Janeiro, quando, dia e noite, caem as chuvas sem parar. Os campos ficam alagados.

Da barranca do rio, Zulú avista, na margem opposta, a planície immensa com os seus bandos de gazelas, as suas zebras e girafas. A floresta, ali ao pé, está cheia de gorillas, macacos gigantes, que manejam o pau e vêm assaltar as plantações.

Zulú nunca esteve na escola. Não lê nem escreve. Mas é activo, diligente e habilidoso. Não sabe o que é ter medo. Nada no rio, onde vivem os crocodilos e tomam banho os hippopotamos. De pé, na popa, só com o auxilio do remo, leva a sua canoa para onde quer. Já é um pequeno lavrador. Sabe semear o milho, colher-o e socal-o no pilão.

Por que estará Zulú tão alegre? É que amanhã, pela madrugada, elle parte com a sua gente para a caça ao elephante. Quando voltar ha de trazer ao hombro a presa enorme de um delles, o martim precioso, com que terá, em troca, lindas missangas e pannos alvos de algodão.

41. - A DESFORRA DO ELEPHANTE



Na aldeia de Zulú, vivia um elephante domesticado. O forte e bondoso animal prestava aos indigenas o s maiores serviços. Chamavam-no T'ombutú. Quando os ranchadores derrubavam as grandes arvores da floresta, era T'ombutú que trazia, presos á tromba, os grandes e pesados troncos. Era elle que vigiava as roças de milho e as bananeiras contra as visitas dos macacos.

Todos queriam bem ao boni elephante. Nem as crianças tinham medo delle. Para ellas cortava bontos galhos com flores e, de tromba enrolada ao espique dos coqueiros, sacudia-os para que os coquinhos cahissem e fossem apanhados pelo bando dos pequenos.

Morava na aldeia um tecedor de cestos, que regalava o elephante, quando lhe passava á porta, com uma guloseima. T'ombutú era lambisqueiro e vinha todos os dias atraz do presente.

Certa occasião o tecedor de cestos estava com os seus calundús e, em vez de dar o esperado petisco ao elephante, deu-lhe uma agulhada na tromba.

T'ombutú sentiu a dôr e foi-se calado. Continuou o seu caminho até uma lagôa. Sorveu com a tromba uma porção daquella agua suja e voltou para a casa do tecedor. Tão distraído estava elle a tecer os cestos que nem deu pela chegada do elephante.

Cho...ó! T'ombutú atria o seu esguicho e deixa o malvado todo a escorrer de agua podre.

42. - OSLO



— Que estará espiondo
o menino com a cabeça de
fóra naquelle forno caiado de
branco?

Nesta pergunta ha tres
enganos, que a nossa attenção
fará desaparecer.



Não basta ver: é preciso
observar. Aquillo não é um forno. É uma casa.

Onde está essa casa não ha cal nem tijolos. Ha gelo
e de gelo são as paredes e o tecto da casa. O menino
não está espiondo. Vem sahindo de sua casa. O bu-
raco serve de porta e o corredor é tão baixo que o
menino, para sahir, vem de gatinhas, arrastando-
se, com as mãos e joelhos apoiados no chão.

É-l-o cá de fóra e podemos vel-o todo vestido
de pelles. Cobre-lhe a cabeça o capuz. Seu nome é

Oslo. Tem a pelle amarella, os olhos pequeninos e
salientes as maçãs do rosto. Mora numa terra
muito fria, em que passam mezes sem que elle veja
o sol. Não fossem as estrellas, as noites de luar e
Oslo viveria na escuridão. A neve está sempre a
cahir, a endurecer e a transformar-se em gelo, de
que estão cobertas as montanhas e as planicies.

Oslo vae buscar as suas remmas para as atre-
lar. O seu carro é um trenó, que o pae lhe fez só de
ossos e pelles de baleia. Por esses logares não ha
arvores nem madeira.

Ha tres dias o pae de Oslo está no mar. É o
mar que o faz viver. Pesca os salmões cõr de pra-
ta e arpõa as phocas, que lhes dão o sustento.

Lá vae Oslo guiando o seu trenó. Desliza ve-
loz sobre o gelo. Como está ficando lindo o céu!
Parece todo abrasado em cores mais vivas que as
do arco-iris. Corren, ondulam pelo alto sanefas e
franjas luminosas dos mais variados matizes. É
a aurora pellar.

Comparem vocês Zulu e Oslo. Não acham que os seus modos de vida sejam muito diferentes?

*Resposta branda e suave
Quebra da ira o furor;
Palavras duras excitam
Resentimento e rancor.*

43. - PEI-HO



Já entrou a primavera. As manhãs são claras e o sol derrama a sua luz dourada sobre o campo de chá. Baixos e frondosos, picados de flores que se parecem com camelias, alinham-se os arbustos pelas encostas. Lá está Pei-ho, o pequeno japonês, com os apanhadores, colhendo as folhas aromáticas.

Logo que o cesto esteja cheio, virá trazê-lo para o terreiro, onde as folhas ficam a secar.

A casa de Pei-ho é feita de bambús. Na sua terra o chão é traçoireiro. Os abalos são annudados e lá vem um dia que se tornam mais violentos. E' o terremoto, que abre fendas profundas e deita as casas por terra. Ixis por que os japonezes quasi nunca fazem casas de pedra e tijolos.

O interior dessas lindas habitações é repartido por biombo de papelão. Esses tabiques são dobradiços. Fecham-se facilmente e a casa fica transformada num salão. Tudo ahí é asseado, limpo e brumido.

Apartadas do campo de chá, estão as amoreiras que fornecem á familia de Pei-ho as folhas, com que se alimentam as lagartas do bicho da séda.

Sua mãe e irmãs tecem o fio e estampam os bellos tecidos. Pei-ho tem um lindo kimono feito por ellas, todo semeado de dragões de olhos verdes, cegonhas de bico vermelho e crysanthemos alvos como jasmims.

44. - MULTIPLICAR

Multiplicar dá a idéa
Duma abundancia crescente;
Porém não se multiplica
O que é bom unicamente...

Multiplicar é a Vida,
A razão dos proprios séres.
Multiplicae sempre o bem
Tanta vez quantas puderdes.

Fazei por multiplicar,
Mas devagar,
Para a conta não errar.

Paulino de Oliveira.

44-A. - DIVIDIR

Dividir ou repartir
É a quarta operação,
Dividir pertence aos ricos
De dinheiro ou coração.

Dividi, matando o egoísmo
Que se alastra em toda a parte...
Feliz de quem tem demais
E pelos outros reparte!

De dividir
Só faz bem a conta, e acerta,
Quem sabe bem repartir.

Paulino de Oliveira.

45. - A GUERRA DAS SAÚVAS E CUYABANAS



Uma seca terrível cabiu sobre o reino das cuyabanas. Seccaram os rios, morreram as plantas e, dos campos queimados, erguiam-se nuvens de pó. A rainha, para fugir á fome, resolveu abandonar com os seus vassallos o paiz. Era preciso emigrar. Iriam para o lado em que nasce o sol, onde achariam verdura e fartura nos valles fer-teis das saúvas.

Poz-se em marcha o exercito dos retirantes. Formavam a vanguarda cinco mil amazonas montadas em gafanhotos dos pampas. Seguiam-se tres mil escaravêlhos, que eram os carros de assalto das cuyabanas. Na retaguarda, vinham trezentos regimentos de infantaria, as ambulancias e a cozi-nha de campanha.

Espiões correram a annunciar á rainha das saúvas a invasão das suas terras. A soberana dá o grito de guerra. Tambores rufam, soam clarins, alvoroça-se o vasto formigueiro. As tropas já se reúnem e vão a passo de carga, ladeira acima, pela galeria central que desemboca no campo.

Trava-se a lucta. As saúvas formam quadrado, que é logo rompido por uma carga valente das amazonas inimigas. O combate é agora corpo a corpo. As cuyabanas com os seus ferros e mandibulas dão cabo das saúvas. Espalha-se entre estas o terror. Fogem em debandada para o formigueiro.

Bem poucas são as que alcançam o "olho" salvador. Fecham-no com folhas, gravetos e pedrinhas. Mas de nada vale o reducto. As cuyabanas atacam com os seus carros de assalto. As antenas dos escaravelhos deixam livre a passagem e o exercito victorioso entra na cidade subterranea das saúvas...

Adens! — o momento chega

Da funesta despedida:

Meu coração vae sangrando

A minha alma vae partida.

46. — NO FUNDO DO MAR

O mar estava calmo. O nosso escalor abor-
dou sem difficuldade o submarino. Subi ligeiro
pela escada e, ao chegar ao portão, recebi-me
um marujo que, sem dizer palavra, desce comi-
go para o camarim do commandante. Ouço um re-
tintir de campainha, a escotilha que se fecha, o ron-
car do dynamo e yugt! sinto que descemos para o
fundo.

O mesmo marinheiro silencioso aperta um
botão, desce uma placa de aço e fica em logar della
outra de crystal, que permite ver o que vae lá por
fóra... Devemos estar a uma profundidade de
cem metros. A luz ainda nos alcança e as aguas es-
tão de um lindo azul. Algas de cores variadas flu-
tuam, cardumes de peixes sobem e descem. São
prateados, dourados, firta-cores, de fórmias e ta-
manhos diversos, de guestras vermelhas e barba-
tanas brilhantes como pinceis molhados.

Vejo a se devorarem, uns aos outros, badejos,
tainhas, garoupas, pescadas, sardinhas, raias e cor-
vinas, que se acotovellam com camarões, lagostas
e caranguejos.

O submarino toma rumo do mar alto. Costeamos um rochedo povoado de coraes e esponjas. Que bicho feio será aquelle, ali? Presto mais atenção e vejo que é um polvo, de olhos duros e mans, com os seus oito braços traícoeiros.

Não longe descubro o tigre do mar — um enorme tubarão, de focinho arrebitado e esponjas. Que bicho feio será aquelle, armado de seis entidas de dentes cortantes que nem navalhas?

Mal vae a historia! a féra farejou a presa e vem contra nós... Uma linda medusa, transparente e alaranjada, passa a boiar com os seus tentáculos, que parecem folhas e gavinhas fluctuantes. O tubarão já nos alcançou e está apostando carreira com o submarino.

Nisto um forte abalo lança-me ao chão. Caio atordado. Quando volto a mim, encontro-me estirado no soalho do meu quarto. Tudo aquillo fóra um sonho, um bello sonho, que o pesadelo do tubarão veio estragar...

Tico-tico rasteirinho

Tira os galhos do caminho,

Que eu quero passear,

Tenho medo dos espinhos.

47. — SONHO

A' hora em que as cortinas
Se fecham lentamente,
É a noite vae descendo
Silenciosamente,

Os olhos cerro e durmo
No meu quentinho leito,
E sonho, por mil mundos
Passeio satisfeito.

Inda hontem (bem me lembro)
Entreí numa cidade
Que cidade linda!
Pena é não ser verdade!

As ruas todas eram
De pão-de-ló calçadas;
De rapaduras as casas;
Os muros de queijadas.

O chocolate andava
Em carros pelas praças;
Eram de assucar candi
Os vidros das vidraças.

Nem uma chave havia
Nas portas dos armarios;
Brincavam peixes rubros
Na calda dos aquarios.

Empadas descobertas
Serviam de canteiros;
Por flores tinham dentro
Os camarões inteiros.

Nas arvores dos passeios
Cresciam bons bocados,
Pasteis de nata, figos,
E passas, e queimados.

A cathedral enorme
Era de goiabada,
Com sinos e duas torres,
Tudo de marmelada.

A bibliotheca tinha
Só livros de beijú,
Mesas de queijo suíço,
Cadeiras de sagú.

Chovia cajuada,
Groselha e capilé;
Em lama de geleia
Escorregava o pé.

E eu comendo sempre,
— Comendo sem pagar!
Quando amanhã me veio
De subito acordar!

Vocês façam idéa
Como fiquei damnado!
Tinha um pudim de crème
Apenas principiado!

João Köpke.

48. - UMA CARTA PARA MIM

Estava eu, hoje cedo, á porta da marcenaria, quando chegou o carteiro e entregou-me uma carta. Lanço os olhos ao sobrescripto e leio com surpresa:

Ilmo. Snr.

Plinio Soares

24, Rua Conselheiro Ramalho, 24

São Paulo.

Uma carta para mim! Era a primeira que recebia. Foi com alegre alvoroço que tomei uma faca para cortar uma das arestas do sobrescripto. Abro o papel e, lá no fim da terceira pagina, vejo um nome muito meu conhecido. Era o Carlos Braga, que me escrevia da fazenda, onde estava passando as férias. Eis o que elle me dizia:

Meu caro Plinio.

Estou em pleno sertão. Papae quiz que a família tuesse ajudado na primeira colheita. O cafézal, nestas boas terras, formase depressa e, já no quarto anno, carregase de "cerejas". Passo as primeiras horas da manhã pelas encostas, onde se alinham, como um batalhão verde, os cafeeiros. Eu quizeria que você me visse de peneira em punho, a proteger-me do sol com o meu chapéo de palha de abas enormes...

E' uma vida alegre e activa. Aqui ninguem faz luxo á mesa. Come-se com bom appetite. O primeiro dia que sahi para o cafézal, raspei um susto. Fiz rir a todos, a começar pelo Manduca, o camarada que me acompanhava. Vinhamos pela estrada, eu montado no meu piquira, quando vejo, cauda erguida e o focinho pontudo enfiado num

formigueiro, um possante tamandú-bandeira.
Attrahido pelo barulho, o curioso animal tirou a
língua — colosso de língua! coberta de formigas.
Logo que me viu, apimou-se nas patas traseiras,
abriu os braços e veio para mim com uns grunhidos
surdos... Não esperei por mais. Esporeei o piqui-
ra que disparou a galope. Já longe, eu ouvia o Mau-
duca, que, entalado de riso, gritava:

— Pare, “sen” Carlos, pare. Não desfeieie
“ansim” o papa-formigas que lhe quer dar um
abraço...

Pode ver aqui, em toda a sua majestade, o
nosso bello jequitibá, o gigante da floresta brasi-
leira. Quando, ha cinco annos, papae fez a derru-
bada para formar o cafetal, deixou-o em pé. Agora
ahi está elle a dominar o cafetal. Papae mediu-o.
O seu tronco recto e circular, de 5 metros de diá-
metro, ergue-se a 40 metros de altura!

Tenho alguma cousa para o musen do grupo:
uma pelle de coati, duas flechas de indio e a ca-

veira de uma capivara, que viveia por aqui a nos dar
cabo das roças de canna e milho.

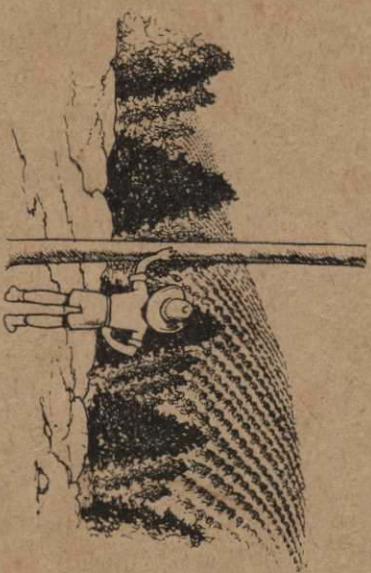
Acceite, com muitas saudades, o abraço do

Amigo e collega,
Carlos Braga.

Jequitibá, 25 | VI | 924.

Riem no céu as estrellas,
Riem as vagas no mar,
Mas ninguém sabe vir tanto
Como a luz do teu olhar.

49. - O CAFEZAL



Que felizardo o Carlos! Sua boa carta veio avivar em mim o desejo que tenho de ver um cafezal de verdade, de passar alguns dias pisando as *terras roças* de uma fazenda. Quando me lembro de que só aõs conheço pelas estampas ou por ouvir contar, fico um tanto vexado. Pois, então, um filho da terra do café, um paulista, nunca viu de perto o *oceano verde* — que nos faz viver e prosperar a todos, fazendeiros ou não?!

Ah, si eu pudesse visitar um cafezal em Maio, no tempo da colheita! Havia de acordar cedo, para gosar do espectáculo á luz radiosa da manhã. Ao sair do alpendre, veria o cafezal verde e viçoso,

em columnas cerradas, a trepar pelas encostas dos morros, a fugir das baixadas, onde se forma a *geada*. Desceria ao *terreiro*, para onde o café, depois de apanhado, é conduzido em carroças e fica a secar ao sol.

Apreciaria o transporte do *café em côco* para os lavadouros, ali perto. Tomaria por um dos *carreiros* e estaria logo entre o bando alegre dos apanhadores.

Escolheria um dos arbustos e nem que fosse um samburá havia de ficar cheio de *cerejas*, que eu apanhasse. De volta, iria visitar as *tulhas*, e, depois, a casa das *machinas*, para assistir ao beneficiamento do café. Veria trabalhando todas aquellas *machinas*, que descascam os grãos, ventilam, catam e despolpam. Dali sae o café ensacado para a estação.

Si o fazendeiro consentisse, eu ficaria na fazenda até Setembro ou Outubro só para ver os *caféiros* carregados de flores, lindas flores alvas como jasmims. É a *florada* que veste de branco as collinas e embalsama os ares com o seu perfume.

50. - O CAFÉ

Nas encostas das montanhas
O café vamos plantar.
Mas primeiro bem devemos
O terreno preparar.

Cinco annos se passaram
O caféiro cresceu,
Vieram as lindas flores
E bellas cerejas deu.

As cestinhas estão promptas,
Vamos o café colher.
Tenhamos muito cuidado,
Para nem um só perder.

As cestinhas para casa
Já podemos varregar.
No terreno bem limpinho
O café fique a seccar.

Já o fructo secco está;
E' preciso descascar,
E a machina já, já,
Comecemos a tocar.

Nossos bons ventiladores
Suas pás já vão mover,
Para o bello café
Toda a casquinha perder.

Depois de tanto trabalho
E' mui justo repousar;
Então juntos pelas roças
Vamos um passeio dar.

51. - O FREIO DE SEGURANÇA



Era costume, no palacio dos reis, que um pagem servisse ao soberano e aos convivas. Dava-se a esse pagem o nome de escanção. Elle trazia o vinho num rico e grande jarro de crystal. Ao deitar a bebida, era de sua obrigação proval-a antes de oferecer a taça. Esta cerimonia devia repetir-se tantas vezes quantos fossem os convidados.

Houve, na Persia, um principe que se chamava Cyro. Elle servia na côrte de seu avô, que era o rei.

Por occasião de um festim em palacio, tocou a Cyro desempenhar os deveres de escanção. Quando o banquete principiou, poz-se o principe, esbelto

e formoso nas suas galas, a distribuir o vinho, mas sem proval-o, como era do costume.

O rei, notando a falta e suppondo que fosse um simples esquecimento, chamou a attenção de Cyro.

— Saiba Vossa Majestade — explicou o principe — que estou fazendo assim de proposito. Não quero provar uma bebida que contem veneno...

— Veneno no meu vinho! — exclamou o rei.

— E' o que me faz acreditar o estado em que vejo a todos depois que tomam. Os cortezãos ficam barulhentos, malcreados e brigões. Até Vossa Majestade, meu rei e meu avô, bebendo-o, como que se esquece de que é o nosso soberano!

A temperança é o freio de segurança com que governamos os nossos appetites.

52. - A CARTOLA DO SERELEPE



Serelepe vae pagar a visita que lhe fez o ca-
maleão. Falta-lhe a cartola branca de pêlo de
castor.

— Vamos comprar-a na cidade — disse elle
com os seus botões, ao descer da arvore onde
mora.

Na estrada encontrou o kágado.

— Levas-me á cidade?

— Levar-te-ia si soubesse o caminho.

— Eu ensino — diz o pombo-correio.

— Então monta, serelepe, nas minhas costas,

— diz o kágado, cuja couraça rebrilhava ao sol.

— Não percas o pombo de vista lá pelos ares. Cã
em baixo corre tudo por minha conta.

O serelepe montou e o kágado sahiu a trote
pela estrada de rodagem. Atravessou um rio a
nado e os dois, guiados pelo pombo-correio, chega-
ram, sãos e salvos, á cidade.

O serelepe foi á chapelaria do avestruz.

— Quanto pedes por uma cartola branca de
pêlo de castor?

— Vendemos a ultima ao sapo, que foi com
ella ao baile das rãs. Agora só na fabrica poderás
achar esse artigo.

O serelepe tocou para a fabrica.

— Falta-nos a materia prima — disse o
dono da fabrica, que era o rato. — Traz-nos o
pêlo do castor que te faremos a cartola.

O serelepe foi ao porto e achou, encostado ao
cães, um navio, que ia partir para a terra dos cas-
tores. X

— Tens o teu passaporte? Quanto pagas pela passagem? — perguntou-lhe o commandante, que era um lobo do mar.

— Quanto aos papeis aqui estão. A passagem eu te pagarei trabalhando de marinheiro. Serve?

— Está dito. Embarca, que já vamos levantar a ancora.

O serelepe embarcou e, durante a viagem, pagou com juro a passagem. A tripulação não podia com elle. Bogueiros, viam-no os marujos, deitados na tolda, a subir pelo mastro, a montar sentinella na gavea, a ferrar e a desfraldar as velas.

Dezoito dias depois chegava o navio á terra dos castores. E o serelepe desembarcou com vida e saude numa cidade enorme. As suas ruas eram só avenidas e as suas casas erguiam-se com oitenta e cem andares.

— Quem me leva ao rio dos castores? — gritou o serelepe em inglez.

— Eu! respondeu o urso e rodou — fôfôfôfô! com o seu automovel para junto dos passageiros. X

X O serelepe embarcou e o urso partiu em 1.^a velocidade para o rio dos castores.

Não tardaram a chegar. Encontraram os castores, que eram engenheiros habilissimos, atarefados no côrte de arvôres, na construção de barragens, açudes e casas com dois pavimentos, um dentro, outro fóra d'agua.

— Onde está o governador? — indagou o urso.

— Cá estou! — respondeu um castor, que trazia um boné com galões dourados. — Que me queres?

— Este extrangeiro vem buscar um sortiminto de teu pêlo.

— É o que me dará elle em troca?

— Este saquinho de café — explicou o serelepe. — Sente que cheiro...

— É' do bom! Moka? — perguntou o governador dos castores fungando de gosto.

— Qual Moka! Upa! Café brasileiro, typo 4, superior a todos os mokas da terra.

— Está feito o negocio — disse o castor.

O governador mandou que fosse cortado o pêlo de vinte castores que estavam cumprindo sentença, recolhidos a uma das prisões de Castorpolis.

O serclepe recebeu o pacote e regressou com boa viagem no mesmo barco que o levou. O rato fez-lhe uma linda cartola branca e com ella o serclepe pagou a visita do canaleão.

*Tudo verso que eu sabia
Veio o vento e carregou;
Só amar e querer bem
Na memoria me ficou.*

53. - NÃO PRENDAS NEM MATES OS PASSARINHOS



Na taba, quem vencia em belleza a Jutandyr? Ninguém. Nem Pirajá, o côr de jambo. Seu pae era o cacique. O valente guerreiro tinha orgulho daquelle filho esbelto, de olhos negros e corpo bronzado. Mas ahí ficava a belleza do pequeno selvagem. Lya mau, muito mau.

Nenhum prazer maior para esse covarde que trepar às arvores e roubar os ninhos. Nenhuma distração mais interessante para esse malvado que armar arapucas e esperar, escondido nas moitas, até que os innocentes passarinhos nellas cahissem.

Mais de uma feita, ao entardecer, elle ouvira uma voz que lhe dizia, do seio da floresta: — Não prendas nen mates os passarinhos. Deixa-os viver que, sem elles, o teu acordar será triste. Não os terás a cantar cedinho á tua porta.

Jurandyr fechava ouvidos. Não outro dia, lá estava de arapuca armada. Certa vez, cahiu-lhe, na traçoira armadilha, um filhote de tico-tico, que talvez tivesse deixado o ninho aquelle dia para o seu primeiro vôo. Debatia-se a pobre avezinha e soltava queixosos pios. Jurandyr saltou do seu esconderijo e ia abaixar-se para tomar a arapuca e a sua presa, quando, de repente, ficou mergulhado na mais negra escuridão. Pulou donde estava e bateu contra uma muralha. Correu em volta e viu que a muralha o fechava de todos os lados. *A*

Poz-se, então, a gritar de medo. Tanto gritou e pediu por soccorro que, do alto e dos lados, restas de luz penetraram o mysterioso carcere. Cresceu, então, o seu terror. Viu que estava perdido. Aquelles feixes de luz coavam-se pelos dedos entreabertos, grossos como troncos de arvore, de um gigante, que o cobria com a sua mão enorme. Com os olhos cheios de lagrimas, Jurandyr viu, atravez das "grades" de sua prisão, a taba ao longe, as crianças brincando na o cara batida de sol, as canoas balouçando no rio. . .

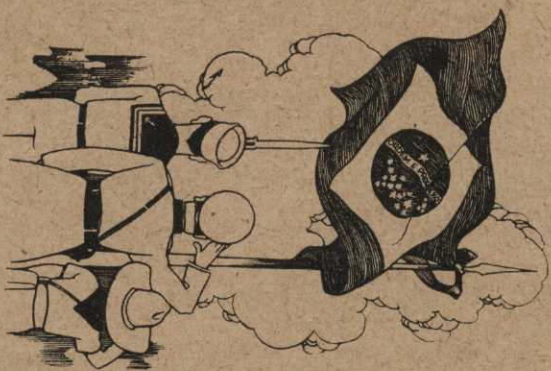
— Quem és que me prendes? Solta-me que estou com saudade de casa. Quero ir para junto de minha mãe e meus irmãos. Solta-me que tenho medo de ti. . . — supplicou o infeliz Jurandyr.

— Estás debaixo da mão de quem tanta vez te pediu que poupasses os passarinhos. Sou Anhangá, o protector dos que povoam as mattas. Vou soltar-te. Nunca mais, porém, te esqueças de que os passarinhos tambem têm casa e della morrem de saudades nas gaiolas em que o teu mau coração os prende. Vae e lembra-te. Hoje minha mão te serviu de prisão. Ella será a tua sepultura si te

atreveres a desrespeitar o que te repito: — Não
prendas nem mates os passarinhos!

*Oh! como eu amo os lindos passarinhos!
Flores vivas que são, quaes anjos voam...
Que doce mimo em seus aereos ninhos!
Quanta belleza no cantar que entoam!*

54. — FESTA DA BANDEIRA



Salve, lindo pendão da esperança!
Salve, symbolo augusto da paz!
Tua nobre presença á lembrança
A grandeza da Patria nos traz.

Recebe o affecto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido symbolo da terra,
Da amada terra do Brasil! x

Em teu seio formoso retratas
Este céo de purissimo azul,
A verdura sem par destas mattas,
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Recebe o affecto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido symbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Contemplando o teu vulto sagrado,
Comprehendemos o nosso dever;
E o Brasil, por seus filhos amado,
Poderoso e feliz ha de ser.

Recebe o affecto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido symbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Sobre a immensa nação brasileira,
Nos momentos de festa ou de dôr,
Paira sempre, sagrada Bandeira,
Pavilhão da justiça e do amor.

Recebe o affecto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido symbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Olavo Bilac.

55. - ESCOTEIROS



Aconteceu o que todos esperavamos: o Gregorio foi escolhido pela *Comissão Regional de Escoteiros* para instruir os alumnos-aspirantes. E' grande a alegria entre a meninada. Com o Gregorio a instrucção vae dar os melhores resultados. Elle é paciente e bondoso com os collegas. O "pessoal" lhe quer bem e fará quanto puder para agradar ao sympathico instructor.

Um dos recrutas sou eu. Ainda não falhei a nenhum dos exercicios, que se realizam no campo de futebol a uns dois kilometros do grupo. Sabemos cedo, com a fresca da manhã. Não levamos tambores nem cornetas. Vamos em boa ordem, cantando, rindo e palestrando pelo caminho. Si é preciso marchar a passos cadenciados, basta o apito do Gregorio. Pri, pri! acertamos os passos. Pri!

e lá vae a columna estrada fóra, esbelta e garbosa, que é uma boniteza.

Estamos aprendendo as quatro primeiras series da gymnastica sueca e, com a ajuda do bom instructor, já armamos as nossas barracas num abrir e fechar de olhos. Hontem, com o lindo céu estrellado, estivemos, ás 20 horas, no alto da Caixa d'Agua, para reconhecermos, entre as constellações, a do Cruzeiro do Sul, pela qual nos orientamos á noite.

Está marcada para o dia 25, domingo, uma excursão de tres kilometros. Iremos a uma chacarra dos arredores, onde acamparemos e faremos a nossa *boia*. Nesse dia, teremos lua cheia, que nasce quando o sol se põe. Voltaremos com o luar. Na ida e durante o dia, estudaremos as arvores e os accidentes do terreno. Intelligente e amigo da sua terra, o proprietario da chacara tem lá plantadas algumas das arvores principaes da flora brasileira.

Veremos muito que aprender nesse bosque encantador, genuinamente nacional. Veremos o jequitibá, o ipê, a cabiuna, o pinheiro do Paraná, o pau d'alho, a massaranduba e muitas outras.

56. — OS DOZE MANDAMENTOS DE OURO

I. — A palavra de um escoteiro é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo, mesmo da sua propria vida.

II. — O escoteiro sabe obedecer. Elle comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.

III. — O escoteiro é um homem de iniciativa.

IV. — O escoteiro acceta, em todas as circumstancias, a responsabilidade de seus actos.

V. — O escoteiro é cortez e leal para com todos.

VI. — O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classes sociaes.

VII. — O escoteiro é valente e generoso, sempre prompto a auxiliar os fracos.

VIII. — O escoteiro pratica cada dia uma boa acção, por mais modesta que seja.

IX. — O escoteiro estima os animaes e oppõe-se a qualquer crueldade contra elles.

X. — O escoteiro é sempre jovial e entusiasta e procura o bom lado de todas as cousas.

XI. — O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio.

XII. — O escoteiro tem a constante preocupação de sua dignidade e do respeito a si mesmo.

(Do Código do Escoteiro).

57.- O CAPULHO E O CASULO

Suspense ao galho de uma amoreira, um casulo de séda cõr de ouro palustrava, por uma clara manhã de sol, com o capulho de algodão alvo de neve.

— Bom dia, casulo cõr de ouro.

— Bom dia, capulho cõr de neve.

— Como passou a noite a tua prisãoeira?

— Passou-a em claro, a preparar-se para deixar-me depois de um sonno de 15 dias. A mesma baba com que me teceu, servin-lhe agora para amollec-

me e não
tar da a
r o m p e r
me com as
suas mandi-
bulas. Lem-
bras-te della
quando eu
ainda não o
existia?



— Oh, si me lembro! — exclamou o capulho de algodão. — Lembro-me de quando, ahí sobre as folhas da amoreira, ella sahio de um ovinho, branco, pequenino como uma cabeça de alfinete. Era uma lagarta, um vermezinho esbranquiçado, que se poz a devorar — tic, tic, tic! as folhas verdes. Que fome a della! Não parava de comer. Logo ficon da cõr do seu alimento, tão verde que se confundia com a folhagem. Eu não a perdia de vista. Vi que trocou de pelle quatro vezes. Depois de cada uma dessas mudas crescia a olhos vistos. Antes de mudar assim de roupa, ella ficava como morta. Não se movia, não comia. Mas depois, só se você visse! acordava com uma fome canina, um appetite insaciavel. Foi depois da 4.^a muda que ella se poz a fiar. E, fiando, ella ficon duran- te cinco dias. Escolheu um bom logar para fazer o seu tecido e, todo esse tempo, aquella cabecinha não parou um instante. Movia-se de um lado para outro que nem o pendulo de um relógio, lançando e prendendo o fio em diversos pontos.

— E, onde foi ella achar esse mundo de fios? — perguntou o casulo.

— Dentro della mesma — explicou o capulho. — Ella tem, de cada lado do corpo, dois saquinhos ou glandulas cheias de um liquido, uma especie

de saliva espessa e gelatinosa, que lhe corre para a bocca e dahi sae por um canalzinho chamado fieira, que se abre no labio inferior da lagarta...

— E essa saliva sahindo pela fieira... — interrompeu o casulo.

— Solidifica-se no momento em que por ella escapa — continuou o capulho — e é o lindo fio de sêda, lustroso, flexivel e forte, com que ella te fez. Para tecer-te gastou a lagarta para mais de trezentos metros de fio.

Nisto rompeu do casulo para a luz do sol uma formosa borboleta amarella, que esvoaçava tonta de alegria.

— Adeus, querido casulo que eu mesma fiz e me serviu de berço. A nymphá adormecida acordou com um par de azas. Descantei-me. Vou para junto de minha mãe, a Fada das Borboletas. Adeus.

58. - O LEÃO E O CAMONDONGO

Um camondongo humilde e pobre
Foi um dia cair nas garras de um leão;
E esse animal possante e nobre
Não o matou por compaixão.

Ora, tempos depois, passeando descuidoso,
Numa armadilha o leão cahiu:
Urrou de raiva e dôr, estorceu-se furioso...
Com todo o seu vigor as cordas não partiu.

Então, o mesmo fraco e pequenino rato
Chegou: viu a afflicção do robusto animal,
E, não querendo ser ingrato,
Tanto as cordas roeu, que as partiu afinal.

Vêde bem: um favor feito aos que estão
[sofrendo]
Póde sempre trazer em paga outro favor.
E o mais forte de nós, do orgulho se esque-
[cendo]
Deve os fracos tratar com caridade e amor.

Esopo.



59. - CIRCO

DE CAVALLINHOS

No largo, perto de casa, está armado um circo de cavallinhos. Fomos hontem matar as saudades, que ha muito tempo não assistiamos a uma função. Sahimos cedo para achar bons logares nas archibancadas. A concorrência foi enorme. O largo estava coalhado assim de gente. Do meio da multidão energia, espacosa e clara, a barraca. Pelo panno transparente viam-se o trapezio, a escada de cordas, as argolas e as arandelas cham-mejantes de luzes.

Foi a custo que compramos os bilhetes e abrimos passagem. Em meio daquelle borborinho cruzavam-se os prégões dos vendedores:

— Pipecal! Pi...pó...ca... Já Pi...po...cu...do...

— Olha as empadinhas de palmito e carneirão.

— Mendoim torrado... to...rrado!

— Batata assada ô forno... ô forno!

Tivemos uma noite divertida. Os artistas trabalhavam bem. Vimos o homem que “come fogo”; vimos um japonéz que subia e descia uma escada, cujos degraus eram laminas afiadas, verdadeiras navalhas, que elle pisava sorrindo, como si estivese pisando macio tapete... Vimos um Hercules, que tinha a sua força nos dentes. Prendia com elles um trapezio, em que trabalhavam dois acrobatas.

Gostei muito da orchestra dos bichos. Foi um successo. O urso empunhava os pratos, dois macacos arranhavam violinos, o cachorro tocava bumbo, o tati batia os ferrinhos e o bode marcava compasso.

Vieram as jaulas e conheci a maior das nossas onças — a *canguçu*, que não fazia má figura ao lado dos companheiros de prisão: o leopardo, o tigre e o leão. Soberbos e bellos animaes. Delles, só um, a onça, vive nos setões do Brasil.

Nos intervallos, ao som do “pinho”, o palhaço deliciou a assistencia com algumas trovvas brasileiras. Guardei estas duas:

— Borboleta, por que pousas
Aqui, ali, acolá?

— Para mostrar que, no mundo,
Em nada constancia ha.

— Mariposa, por que causa
Te queimas na luz, em vão?

— Para mostrar quanto é forte
A cegueira da paixão.

Fechou o espectáculo uma pantoninha, em que tomou parte toda a companhia.



60. - HISTORIA DE UMA FOLHA DE PAPEL.

Quem me vê pautada
de linhas azues, tão alva e
limpa, não poderá nunca ima-
ginar por que transforma-
ções passei até chegar ao que
hoje sou — uma folha de pa-
pel de carta.

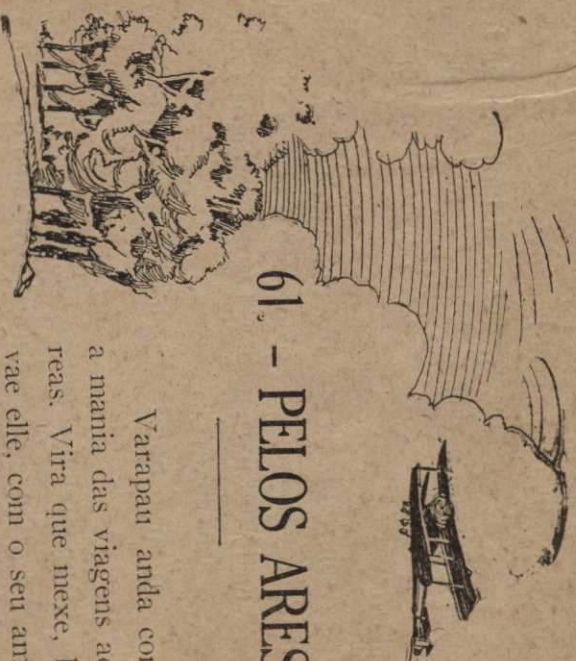
Minha origem é bem hu-
milde. Descendo de um montão de trapos tão ve-
lhos e imprestaveis que foram certa noite atra-
dos á rua. Pela madrugada, vieram os varredores,
amontoaram os trapos com o cisco da calçada e
dahi a pouco a pá de um d'elles deitava-os para
dentro do carroção de lixo. Ainda estava longe
de raiar o dia quando o pesado vehiculo chegou
ao monturo da Limpeza Publica eahi despejou a

carga. Aquelle estercó era queimado em grandes fornos.

Dessa triste sorte livraram-se os meus trapos. Pela manhã, mal se abriram os portões, entraram no pateo de despejo uns homens, que principiaram a remexer o monturo com uns ganchos. Foram os trapeiros. Depois de haverem posto de lado os farrapos que descobriram, começaram a separar os retalhos de lã e seda. Só lançavam ao cesto os de linho e algodão, os únicos que servem para a nossa manufactura.

Feita a collecta, os trapeiros partiram para a fabrica, onde venderam todos os milambos que levavam. Pobres trapos! Começou, então, para elles uma vida de martyrios. Quanto não soffiram para me deitarem ao mundo! Foram cortados, destiados, lavados, pisados até que ficaram reduzidos a uma pasta humida. Para a adelgaçarem e secarem, teve a pasta que girar sobre cylindros e rolos aquecidos.

Ao sahir do ultimo, já era uma comprida tira de papel. Esta foi cortada em folhas do mesmo tamanho e uma dellas sou eu. Agrupadas em cader-nos de cinco cada um, fomos postas com os nossos irmãos — os sobrescriptos, numma bonita caixinha, em que viemos para a loja da papelaria.



61. — PELOS ARES

Varapau anda com a mania das viagens aéreas. Vira que mexe, lá vac elle, com o seu amigo Futrica, para o campo de aviação. Não lar-

gam dos aviadores. Já fizeram canaradagem com um dos pilotos. Ajudam a rebocar os aparelhos do galpão para o granado da pista. Estão ficando os dois uns turunas, falam grosso em aeronautica, não confundem alhos com bugalhos. Bulam com elles e verão como sabem distinguir os dirigíveis: — Este é um monoplano, esse é um biplano, aquelle é um triplano. Só falam em motores, rodas de governo, hélices e lemes. Que prazer o de ambos

quando osapparelhos se elevam, tomam uma boa altura e partem roncando!

— Deixa estar, Futrica, que havemos de ter nossa tarde de aviação. A nossa, que isto de espiar só não vae... — diz Varapau ao compa-
nheiro.

Assim foi. Tanto fez que conseguiu alugar um dos aeroplanos. O cauteloso Futrica chegou armado de um paraquedas. Os dois amigos tomaram os seus logares.

— Larga tudo! — grita Varapau, que era o piloto.

O apparelho ergue-se. E, dahi a pouco, os nossos aviadores gosavam o espectáculo da cidade vista do alto, com as suas casas, torres e jardins, o seu rio e as suas pontes... As casas pareciam um grande bando de tartarugas aquecendo-se ao sol; as torres, palitos espetados no chão; os jardins, pequenias manchas verdes; o rio, um fio de prata. Reduziam-se as pontes a simples pingue-las e as pessoas que por ali andavam tinham o tamanho de formigas e formigões.

Mas, com a bréca! o tempo mudou. Como o tempo muda de repente! Cai um forte pé de vento e poe! poe! dois estampidos sacodem o aeroplano... O apparelho desanda a cahir.

Os dois aviadores não perdem a calma. Futrica abre o paraquedas, Varapau agarra-se aos pés do amigo e os dois arrojados companheiros descem suavemente, na maciote...

BARTHOLOMEU DE GUSMAO,

um brasileiro, inventou
o balão; deu-lhe

SANTOS DUMONT,

um outro nosso patricio,
rumo e direcção.

62. — O VASO ARDENTE

Um solitario vivia no ermo. Ha muitos annos que elle ali morava. Seu tecto era uma pequena gruta, sua cama um montão de palha sobre um girau, e o seu sustento, favos de mel que elle tirava do ôco das arvores, o leite de suas ovelhas, a agua de uma fonte vizinha, palmitos e fructos do matto.

No seu sonno, appareciam-lhe lindas visões, que eram mais frequentes nos dias de jejum. Si a abstinencia lhe enfraquecia o corpo, fortificava-lhe o espirito.

Certa vez, viu elle, em sonho, um rico vaso de ouro e prata, todo incrustado de pedras preciosas. O vaso estava suspenso sobre uma nuvem de fogo. Do seu bojo erguiam-se rubras labaredas que, furiosas, não tardariam a destruil-o. As channas ameaçadoras eram alimentadas por uma porção de azeite, enxoire e pixe, a que o fogo se ateára.

Sempre em sonho, ergue-se o ermitão, borriça com agua o fogaréo e as channas se extinguem.

Ao despertar, não demorou o anachoreta em descobrir o sentido daquella visão. O vaso do sonho symbolizava o nosso corpo; o azeite, o enxoire e o pixe representavam as ruins paixões que nos atormentam e a agua significava que a nossa salvação está na temperança.

A temperança é uma fortuna que não provoca inveja.

63. - MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que aurora, que sonhos, que flores,
Naquellas tardes fagueiras
A' sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjeis!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
Respira a alma innocencia
Como perfumes a flor;
O mar é lago sereno,
O céo, um manto azulado,
O mundo, um sonho dourado,
A vida, um hymno de amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia,
Naquella doce alegria,
Naquelle ingenuo folgar!
O céo bordado de estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias de minha infancia!
Oh! meu céo de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das magras d'agora
Eu tinha nessas delicias,
De minha mãe as caricias
E os beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
De camisa aberta ao peito,
Pés descalços, braços nus,
Correndo pelas campinas
A' roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

Naquelles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar,
Rezava ás Ave-Marias,
Achava o céo sempre lindo,
Adormecia sorrindo,
E, despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquellas tardes fagueiras,
A' sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Casimiro de Abreu.

LEITURA EXPRESSIVA

Sobre escasso e curto, perturbado de tantas interrupções, o nosso tempo escolar dá margem a possibilidades bem modestas. Urge valorizal-o. É preciso desprezar minucias e buscar, de sol a sol, a pé firme, as linhas geraes, as unicas que de facto podemos e devemos levar em conta.

Dentro de um curso primario de quatro annos, si não quizermos sacrificar uma das suas disciplinas basilares — a leitura expressiva, antes de tudo temos de indagar e assentar com clareza os objectivos essenciaes, que pretendemos ao ensin-a.

A leitura é instrumento de ideação e expressão. É o meio e não o fim. Por ella grangeiam-se idéas e aprende-se a exprimi-las.

Materializam os sons o que pensamos. São elles arautos que se devem fazer entender. Desandasse o nosso apparelho vocal a emitir sons desprovidos de sentido e teriamos nelle o equivalente de um ventilador defeituoso que atria ao chão, com

a palha, a polpa nutritiva do espirito a polpa das idéas que devia subir para o celloiro e lá, assimilando-se, contribuir para a actividade do cerebro.

Dominar o phonetismo de paginas impressas, articulal-as, é perceber com os olhos, é realizar o trabalho mecanico da leitura. Uma decifração e nada mais. Dominar o sentido de paginas impressas é commungar com outrem em idéas e pensamentos, é perceber com o espirito, é realizar o trabalho mental da leitura. Um acto de linguagem integro e harmonioso.

Vemos, à luz destas premissas, que a leitura em todos os seus graus, das classes mais atrasadas ás mais adiantadas, requer averiguação e preparo. Comprehende esta phase, entre outros exercicios e cuidados, a *leitura-modelo*, a *interpretação* e a *synonymia* pelo professor com a collaboração da classe.

Pela interpretação, o alumno descobre factos e aspectos novos, avoluma o seu peculio de idéas e pensamentos, eleva o seu espirito e vae alargando o seu horizonte mental. Pela *synonymia*, enriquece o vocabulario, faz uma provisão maior de signaes para exprimir a mesma idéa, abastece, melhora, fortifica o seu poder de expressão.

Preparada a lição, preparo que pôe em contacto immediato e indispensavel professores e alumnos, estão estes em condições de ler não apenas *correntemente*, e, sim, com EXPRESSÃO.

Esta leitura expressiva é o fecho da abobada em todos os graus do ensino. Assim no curso primario como no secundario, é ella alcançada pelos mesmos meios: *interpretação* e *synonymia*, *compreensão do que vae ser lido* e mudança de *redacção do que acaba de ser lido*.

Seria muito, para deixar que o nosso programma, em materia de ANALYSES, rompesse de vez com a *lexica* por dispersiva e relegasse a *logica* para o ultimo anno do curso.

Decorreriam dahi vantagens e grandes para o ensino da leitura expressiva, que só uma analyse exige: — A DAS IDEAS.

Si a analyse logica é de muito pouco valor para a leitura expressiva, nada perderiamos si ella, reduzida ás suas linhas geraes, despidida de exag-geros, sem descer a pormenores nem varejar pelo campo esteril das suas controversias, passasse a figurar exclusivamente entre as materias do 4.º anno. Iniciam-se ahí os alumnos em composição e a analyse logica, aproveitada com criterio, como nos ensina Sampaio Doria (1) no seu livro admiravel, teria a oportunidade de ser util, facilitando ao pequeno estudante o conhecimento da estrutura e da vida relacional dos periodos.

Na sua phase effectiva, tem a leitura o seu complemento que é uma pedra de toque de applicação sempre opportuna, na *reprodução* oral e escripta.

(1) "Como se aprende a lingua."

Podemos, pois, resumir o trabalho da leitura neste schema:

I. PHASE DE PREPARAÇÃO PELO PROFESSOR:

- a) sumula do capitulo escolhido;
- b) interpretação;
- c) synonymos e significados (com a collaboração da classe).

II. PHASE DE REALIZAÇÃO PELO PROFESSOR e ALUNOS:

- a) leitura-modelo pelo professor;
- b) leitura silenciosa pela classe;
- c) reprodução, pelo alumno, do trecho que vae ler;
- d) leitura expressiva do trecho antes reproduzido.

Adoptada esta orientação que, aliás, nada tem de nova e já é até tradicional em nossas classes, cada um dos capitulos, assim o exigem a ordem e a exiguidade do tempo útil de cada lição, deve tomar dois dias de aula: um para a phase de preparação e outro para a de realização.

Amparo, Janeiro de 1925.